



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Bauru



FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO E
DESIGN
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

CAIO AMARAL MACHADO

**ENTRE O COMENTÁRIO E O ESPETÁCULO: A
PARTICIPAÇÃO DE EX-ATLETAS COMO
COMENTARISTAS NAS TRANSMISSÕES DAS
OLIMPÍADAS DE 2024**

BAURU – 2025

CAIO AMARAL MACHADO

**ENTRE O COMENTÁRIO E O ESPETÁCULO: a participação de
ex-atletas como comentaristas nas transmissões das
Olimpíadas de 2024**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Câmpus de Bauru., sob a orientação do Prof. Assoc. José Carlos Marques

Bauru-SP
2025

M149e Machado, Caio Amaral
ENTRE O COMENTÁRIO E O ESPETÁCULO : a participação de
ex-atletas como comentaristas nas transmissões das Olimpíadas de
2024 / Caio Amaral Machado. -- Bauru, 2025
100 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Jornalismo) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientador: José Carlos Marques

1. Jornalismo. 2. Jornalismo esportivo. 3. Espetacularização. I.
Título.

CAIO AMARAL MACHADO

**ENTRE O COMENTÁRIO E O ESPETÁCULO: a participação de
ex-atletas como comentaristas nas transmissões das
Olimpíadas de 2024**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Câmpus de Bauru., sob a orientação do Prof. Assoc. José Carlos Marques

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Associado José Carlos Marques
Unesp - Câmpus de Bauru
Orientador**

**Prof^a. Angela Maria Grossi
UNESP – Câmpus de Bauru**

**Prof. Francisco Machado Filho
UNESP – Câmpus de Bauru**

Bauru, 04 de julho de 2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu pai e meu avô, que me transmitiram o amor pelo esporte e pela competição. Ao meu irmão, que sempre foi minha inspiração na universidade. À minha mãe, que nunca deixou de me apoiar. Mesmo longe, sem dúvidas, essa conquista também é deles. Agradeço ao meu orientador, José Carlos Marques, por confiar em mim para uma pesquisa tão importante. Por fim, agradeço aos colegas de faculdade que estiveram comigo nesta incrível jornada e por terem sido minha família durante estes anos.

RESUMO

Este trabalho investiga o fenômeno da espetacularização nas transmissões esportivas durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, com foco na participação de ex-atletas como comentaristas nos canais CazéTV e SporTV. A pesquisa parte da observação de que a presença desses profissionais tem sido utilizada como estratégia para atrair audiência, sendo valorizados por seu apelo simbólico e emocional. O problema central consiste em entender se, e de que maneira, essas figuras contribuem efetivamente para a mediação informativa nas transmissões, além de verificar como sua presença reforça o processo de espetacularização. Para isso, foram analisadas transmissões das modalidades de futebol feminino, basquete masculino e skate (street feminino e park masculino). A metodologia adotada é qualitativa, fundamentada na observação direta das transmissões e na sistematização de dados, com a produção de relatórios crítico-analíticos individuais por evento. As transmissões foram organizadas em tabelas e avaliadas com base em categorias definidas a partir da fundamentação teórica proposta. Os resultados indicam que, embora os ex-atletas contribuam com experiências subjetivas e aproximem o público da realidade esportiva, suas participações tendem a reforçar uma lógica de espetáculo e engajamento emocional, frequentemente em detrimento da informação aprofundada. Enquanto os jornalistas da equipe são os responsáveis por contextualizar, mediar tecnicamente e traduzir de forma mais clara as dinâmicas do jogo, a presença dos ex-atletas tem uma função mais emocional e de identificação com o público do que comunicacional propriamente dita.

Palavras-chave: Espetacularização; transmissões esportivas; ex-atletas; jornalismo esportivo; Jornalismo.

ABSTRACT

This study investigates the phenomenon of spectacularization in sports broadcasts during the Paris 2024 Olympic Games, focusing on the participation of former athletes as commentators on the channels CazéTV and SporTV. The research stems from the observation that the presence of these professionals has been used as a strategy to attract audiences, being valued for their symbolic and emotional appeal. The central issue is to understand whether, and how, these figures effectively contribute to the informative mediation in sports coverage, as well as to examine how their presence reinforces the process of spectacularization. For this purpose, broadcasts of women's football, men's basketball, and skateboarding (women's street and men's park) were analyzed. The methodology is qualitative, based on direct observation of broadcasts and systematic data organization, including the production of individual critical-analytical reports for each event. These broadcasts were structured in tables and assessed according to categories defined from the proposed theoretical framework. The results show that, although former athletes provide subjective insights and help bring audiences closer to the sporting environment, their presence often reinforces a logic of spectacle and emotional engagement, sometimes at the expense of more in-depth information. While journalists on the team are primarily responsible for providing context, technical mediation, and clearer explanations of the game's dynamics, the role of former athletes is more emotional and centered on audience identification rather than strictly communicative.

Keywords: Spectacularization; sports broadcasting; former athletes; sports journalism; journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Equipe de transmissão da estreia da seleção brasileira de futebol feminino na TVGlobo	50
Figura 2 - Uma parte da equipe que realizou a cobertura das Olimpíadas pela Globo. André Rizek, Everaldo Marques, Fernando Fernandes, Natália Lara, Fernanda Garay e Tadeu Schimit.	51
Figura 3 - Alguns dos narradores e comentaristas contratados pela CazéTV para as transmissões	54
Figura 4 - Trio de transmissão do SporTV: Renata Silveira, Renata Mendonça e Paulo Nunes	60
Figura 5 - Felipe Motta, atleta e comentarista da CazéTV durante as Olimpíadas e Casimiro Miguel, fundador do canal	76
Figura 6 - Odinei Ribeiro e Marquinhos transmitiram o último jogo da equipe de basquete brasileiro nas olimpíadas de 2024	80
Figura 7 - Sergio Arenillas e Luizinho, equipe de transmissão do SporTV para a cobertura do skate	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Futebol Feminino	56
Tabela 2 - Basquete	72
Tabela 3 - Skate	82

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1. Prólogo: O ex-atleta como nova voz das transmissões esportivas e o contexto atual	9
2.2. O papel do jornalismo	13
2.3 O jornalismo esportivo e a imprensa esportiva no Brasil	15
2.4 As transmissões esportivas no rádio	21
2.5 As transmissões esportivas na televisão brasileira	26
3. O PAPEL DO COMENTARISTA	30
3.1 A espetacularização e a emoção	32
3.2 A sociedade mercadológica e <i>standupzação</i> do jornalismo esportivo	34
3.3 A especialização esportiva	38
3.4 A torcida pelo “Time Brasil”	40
4. CRONOGRAMAS E ANÁLISES DAS TRANSMISSÕES	44
4.1 Metodologia	44
4.2 TV Globo	48
4.3 CazéTV	52
4.4 Análises das transmissões	55
4.4.1 Futebol Feminino	55
4.4.1.1 Brasil x Nigéria	57
4.4.1.2 Brasil x Japão	61
4.4.1.3 Brasil x Espanha	62
4.4.1.4 Brasil x França	65
4.4.1.5 Brasil x Espanha	67
4.4.1.6 Brasil x EUA	69
4.4.1.7 Conclusão – Futebol Feminino	70
4.4.2 Basquete	72
4.4.2.1 Brasil x Alemanha	73

4.4.2.2 Brasil x Japão	77
4.4.2.3 Brasil x EUA	78
4.4.2.4 Conclusão – Basquete	81
4.4.3 Skate	82
4.4.3.1 Feminino Street – Final	83
4.4.3.2 Skate Park Masculino – Final	86
4.4.3.3 Conclusão – Skate	88
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as grandes emissoras de televisão, plataformas de streaming e empresas do audiovisual têm demonstrado um movimento comum. Em transmissões esportivas, o número de ex-atletas ocupando a posição de comentarista tem aumentado. Independente da modalidade, é possível observar estas figuras esportivas, que em muitos casos possuem um lugar especial no imaginário do torcedor, recebendo espaço significativo para opinar e compartilhar suas análises e visão dos esportes.

O presente trabalho propõe-se a investigar esse fenômeno e entender como a experiência esportiva desses profissionais pode ser utilizada de forma eficiente para enriquecer as transmissões, ao mesmo tempo em que se preservam os princípios fundamentais do jornalismo esportivo. Isto posto, o tema da pesquisa é a análise da participação de ex-atletas como comentaristas nas transmissões dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, verificando como sua presença se relaciona com o processo de espetacularização das coberturas esportivas, tendo como foco os canais de TV a cabo do SporTV (do grupo Globo) e o canal de YouTube CazéTV. A escolha do tema se justifica pela necessidade de refletir criticamente sobre os impactos desse movimento no jornalismo esportivo contemporâneo, considerando o equilíbrio entre emoção, entretenimento e informação jornalística.

A relevância da pesquisa se dá pelo fato de que o jornalismo esportivo, enquanto segmento de grande audiência e influência cultural, enfrenta hoje desafios relacionados à busca por audiência e à mercantilização da informação, colocando em contraste a informação e a prática jornalística com o entretenimento e a busca incessante por maiores números de audiência através da emoção.

Compreender o papel dos ex-atletas nas transmissões é uma maneira de contribuir para a qualificação do jornalismo esportivo e para o aprimoramento da experiência do telespectador, que exige tanto entretenimento quanto informação de qualidade, além da responsabilidade em cobrir megaeventos, como as olimpíadas.

O objetivo geral do estudo é entender como se deu o movimento que colocou tantos ex-atletas na mídia esportiva brasileira e internacional, e de que maneira sua presença pode ser utilizada de forma eficiente para aumentar a qualidade das transmissões — tanto no aspecto emocional e de entretenimento quanto na difusão de informações jornalísticas. Já os objetivos específicos são compreender como os

ex-atletas podem ser aproveitados nas transmissões de acordo com suas qualidades e características individuais em cada modalidade escolhida, identificar os mecanismos que motivam as emissoras ao utilizar ex-atletas como comentaristas e avaliar seu impacto real nas transmissões.

Além disso, levando em consideração o aspecto específico da pesquisa, sistematizar e verificar as transmissões de esportes menos tradicionais nas grades olímpicas da televisão brasileira, como o skate, pode contribuir para compreender as estratégias narrativas e técnicas empregadas na cobertura de modalidades que, apesar de emergentes, ainda enfrentam certo desconhecimento por parte do grande público.

O objeto de estudo desta pesquisa é a cobertura dos Jogos Olímpicos de Paris 2024 realizada pela Rede Globo e pela CazéTV. O corpus da análise será composto por transmissões de três modalidades esportivas: futebol, basquete e skate. Serão investigadas seis partidas de futebol feminino (transmitidas pelo SporTV), três partidas de basquete masculino (duas pela CazéTV e uma pelo SporTV via Globoplay) e duas transmissões de skate (finais masculina e feminina da modalidade street pelo SporTV).

O método adotado é a análise qualitativa, com foco na observação direta, na sistematização dos dados e na interpretação crítica-analítica das transmissões. A escolha dessa abordagem se justifica pela natureza da investigação, que exige sensibilidade para identificar práticas discursivas, simbólicas e editoriais no comportamento das equipes de transmissão. As transmissões foram organizadas em tabelas por modalidade, contendo data, horário, adversários (ou evento), canal responsável e nomes e funções da equipe de transmissão. Além disso, cada jogo contou com a produção de um relatório individual, na qual foram registrados comentários, momentos-chave e críticas pontuais, todas fundamentadas nas categorias previamente estabelecidas na metodologia, situada na seção 4.1, e na fundamentação teórica do trabalho. Esses relatórios também geraram, ao fim de todas as transmissões, uma conclusão crítica que permitiu verificar de maneira mais ampla sobre o papel dos ex-atletas nas modalidades como um todo.

O problema de pesquisa que dá norte a este trabalho é: como a presença de ex-atletas como comentaristas influencia a qualidade da informação nas transmissões esportivas, em meio à crescente espetacularização das coberturas?

A hipótese que será investigada é que, embora a participação de ex-atletas agregue emoção, autenticidade e conhecimento técnico às transmissões, ela também pode contribuir para a espetacularização excessiva e para a diminuição do espaço destinado à especialização esportiva jornalística, caso não haja um preparo adequado desses comentaristas para o exercício da função comunicacional.

O referencial teórico-metodológico que sustenta a pesquisa baseia-se em autores que discutem o jornalismo esportivo, a comunicação e a espetacularização: Paulo Vinícius Coelho (2004), Barbeiro e Rangel (2006), André Ribeiro (2007), José Carlos Marques (2017; 2020; 2024), Guy Debord (1997) e Walter Lippmann (1922). Também serão utilizados Traquina (2005) e Martino (2009), que contribuem com reflexões fundamentais sobre o jornalismo e o compromisso com a informação. A metodologia adotada será a pesquisa exploratória, por meio de levantamento e leitura bibliográfica, além da análise qualitativa de transmissões selecionadas dos Jogos Olímpicos de Paris.

Por meio do estudo bibliográfico dos autores que discorreram acerca do jornalismo esportivo e o comentário esportivo, além dos princípios da profissão elucidados por Traquina (2005) e Martino (2009), que contribuíram para noções do dever jornalístico e a ciência por trás da comunicação que permeia o dia a dia da profissão, é possível compreender a problemática proposta e criar bases que alicerçarão o desenvolvimento da pesquisa. Guy Debord (1997) e Walter Lippmann (1922) terão suas obras utilizadas como base para compreender a espetacularização das transmissões esportivas enquanto produto da contemporaneidade, contribuindo para a justificativa da utilização de ex-atletas nessas transmissões.

Para contar a história da imprensa esportiva e como ela se desenvolveu, já utilizando, desde seu primórdio, efeitos da espetacularização, serão utilizadas as obras “Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil”, de André Ribeiro (2007), e “A Bola no Ar: o rádio esportivo em São Paulo”, de Edileuza Soares (1994).

Para além de complementar a história da imprensa esportiva, Paulo Vinícius Coelho (2004) e José Carlos Marques (2017; 2020 e 2024) servirão como base para os estudos dos efeitos da espetacularização do esporte na mídia, que serão utilizados para as análises das transmissões.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para entender os impactos da presença dos ex-atletas como comentaristas nas transmissões esportivas contemporâneas, especialmente durante os Jogos Olímpicos, é fundamental reconstruir o caminho percorrido pela imprensa esportiva brasileira e pelas dinâmicas comunicacionais que moldaram esse cenário. A fundamentação teórica parte, portanto, de um panorama introdutório sobre a ascensão dos ex-atletas como novas vozes das transmissões e o contexto atual que impulsiona essa prática.

A seguir, o trabalho revisita os princípios do jornalismo e os fundamentos éticos e profissionais que norteiam sua prática, para então mergulhar na história da imprensa esportiva no Brasil, desde seus primórdios, quando ainda era tratada como um campo menor dentro da comunicação. Essa trajetória é aprofundada com a verificação do papel das transmissões esportivas, primeiro no rádio, e depois na televisão, espaços nos quais o esporte passou a ser consumido como espetáculo.

A partir desse ponto, o estudo se debruça sobre a figura do comentarista esportivo: seu papel, suas funções e o modo como a especialização jornalística contribui — ou não — para a qualidade da transmissão. Essa discussão abre espaço para a compreensão de um fenômeno marcante das últimas décadas: a espetacularização e a emoção nas transmissões esportivas, muitas vezes impulsionadas pela inserção de ex-atletas como comentaristas e pela adoção de uma linguagem mais conotativa, informal e voltada ao entretenimento, além de diferentes outros fatores.

Esse processo se intensifica no contexto da sociedade mercadológica, que molda as transmissões segundo interesses econômicos e comerciais, abrindo caminho para a denominação de “standupização” do jornalismo esportivo.

Por fim, é necessário destacar o comportamento da mídia nas coberturas esportivas que envolvem brasileiros, frequentemente marcado pelo ufanismo e pela torcida explícita pelo “Time Brasil”. Todos esses elementos — históricos, profissionais e comerciais — compõem o alicerce teórico para a pesquisa proposta neste trabalho, permitindo problematizar de forma crítica o papel desempenhado pelos ex-atletas comentaristas e as implicações desse modelo de transmissão.

2.1. Prólogo: o ex-atleta como nova voz das transmissões esportivas e o contexto atual

Na imprensa brasileira, a participação de ex-futebolistas nas transmissões de futebol tornou-se parte do dia a dia do jornalismo esportivo. Observa-se o fenômeno desde Leônidas da Silva, o Diamante Negro, um dos primeiros ex-atletas a se destacarem enquanto comentaristas no Brasil (Ribeiro, 2007), até Roger Flores, uma das principais escolhas da Rede Globo (principal empresa do audiovisual brasileiro) para grandes transmissões do futebol, o esporte mais midiático do país. Hoje, são diversas as figuras que participam de programas e coberturas jornalísticas ao lado de profissionais da comunicação. Suas opiniões e leituras são tratadas com grande respeito pelos demais integrantes das equipes.

E não é apenas no Brasil que se pode perceber esse movimento. Nos Estados Unidos e Europa, é comum que ex-atletas façam parte da mídia. Como destaques, é possível citar Shaquille O'Neal, ex-astro da NBA, a maior e mais qualificada liga de basquete do mundo, que hoje faz parte do canal americano *TNT*, e rotineiramente marca presença nas transmissões. No futebol europeu, pode-se destacar Jamie Carragher e Alan Shearer, dois ex-jogadores ingleses que trabalham para *Sky Sports* e *BBC Football*, respectivamente.

Mas afinal, por que os ex-atletas têm ganhado tanto espaço na mídia? Como sua presença pode ser utilizada da melhor forma durante as transmissões? Existe um preparo por parte dos veículos para que esses comentaristas desempenhem a função da melhor forma?

A escolha das emissoras em dar voz e uma posição de destaque a essas figuras podem ser justificadas do ponto de vista jornalístico, uma vez que o conhecimento e experiência carregados pelos ex-atletas contribuem diretamente para as transmissões. Normalmente, o papel atribuído a eles é de simplificar as regras do esporte que está sendo praticado, além de traduzir para o telespectador o que está acontecendo.

Segundo Barbeiro e Rangel (2006), o público tem o direito de entender o que se passa durante as transmissões esportivas e, para isso, é necessário explicar técnicas, regras e termos usados nas competições. Já de acordo com Coelho (2004), é justamente o comentarista (e o repórter) que possui o papel de analisar

friamente o que está acontecendo e traduzir esta leitura de forma simplificada para o público.

A habilidade de interpretar e traduzir o jogo para o público, um exercício que exige conhecimento técnico e compreensão profunda da modalidade, é um ponto central para a compreensão do papel dos ex-atletas nas transmissões.

A “visão privilegiada” adquirida durante a carreira dos ex-atletas e a “grife” que um grande nome do esporte pode trazer para uma transmissão os colocam em posição de especialistas acerca das práticas esportivas. Além disso, a força que essas figuras possuem no imaginário do telespectador, contribuem para espetacularização da transmissão, movimento essencial para o sucesso televisivo de qualquer produto, como defende Guy Debord em “A Sociedade do Espetáculo”:

É pelo princípio do fetichismo da mercadoria, a sociedade sendo dominada por coisas suprassensíveis embora sensíveis, que o espetáculo se realiza absolutamente. O mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele, ao mesmo tempo em que se faz reconhecer como o sensível por excelência (Debord, 1997, p. 29).

Como aponta Marques (2017; 2020 e 2024), o processo de espetacularização das transmissões esportivas tem se intensificado na busca por audiência e pela mercantilização da informação. A espetacularização se manifesta não só na escolha de enquadramentos e na construção de narrativas emocionais, mas também na linguagem utilizada durante as transmissões. A busca por alcançar um público cada vez mais amplo e engajado leva as emissoras a adotarem tons mais apelativos e conotativos, explorando elementos que despertem reações emocionais imediatas no espectador. Esse fenômeno é perceptível quando se observa a inserção de ex-atletas e personalidades carismáticas como comentaristas, cuja presença visa conferir autenticidade e apelo popular à cobertura dos eventos. Não apenas isso, mas a presença desses esportistas tem praticamente dominado as transmissões esportivas, excluindo profissionais do jornalismo especializado.

Com isso, é levantada uma reflexão acerca dos papéis dentro de uma transmissão esportiva. O aumento da participação dos ex-atletas pode ser observado nas principais emissoras de televisão, como Rede Globo, TV Record, TV Bandeirantes e outras. Imitando este modelo proposto pelas emissoras, hoje, as equipes de transmissões de plataformas digitais, como a Amazon Prime Video e a CazéTV, também utilizam estas figuras para compor as equipes, acompanhadas de jornalistas e profissionais da comunicação. As transmissões de futebol contam,

rotineiramente, com uma escalação de comentaristas que é composta, em grande parte, por ex-futebolistas.

Nomes como Caio Ribeiro, Roger Flores, Grafite, Paulo Nunes, entre outros, são presenças frequentes nas transmissões do esporte na Globo, no caso da TV aberta, e nos canais SporTV, na TV fechada. Mas, além do futebol, a Globo também costuma incluir ex-atletas nas coberturas de outras competições. O evento que será utilizado como objeto para esta pesquisa será a Olimpíada de Paris, que ocorreu entre 26 de julho a 11 de agosto.

Como maior emissora de televisão do país e da América Latina, a Rede Globo fez a maior cobertura dos jogos olímpicos no país, dividindo os direitos de transmissão do evento com a moderna CazéTV. A dimensão da cobertura realizada pela emissora, além da prática de escalar ex-atletas para as transmissões, criaram uma ótima circunstância tanto para compreender os efeitos da espetacularização nas coberturas esportivas e na profissão do jornalista quanto para refletir sobre o papel dos ex-atletas e a função do comentarista nas produções esportivas, principais objetivos deste trabalho.

Para compreender como a experiência dos ex-atletas pode ser utilizada de maneira eficaz nas transmissões, é preciso também entender qual é o verdadeiro papel que um comentarista deve exercer, em contraste com a maneira em que esta posição está sendo exercida pelos esportistas.

Barbeiro e Rangel (2006) argumentam que o jornalismo esportivo é a área que mais aproxima informação e entretenimento. Este contexto nos ajuda a compreender a forma que as emissoras realizam as coberturas esportivas na contemporaneidade. A espetacularização é fundamental para o bom desempenho das transmissões.

Não apenas Barbeiro e Rangel, mas autores como Paulo Vinícius Coelho (2004), André Ribeiro (2007) e José Carlos Marques (2017; 2020 e 2024) já refletiram acerca da participação dos ex-atletas nas transmissões esportivas, os seus efeitos para com o público e as consequências para o jornalismo.

Os elementos da transmissão transformam o esporte em espetáculo e os atletas em personagens de uma história, que cria heróis e vilões. Ter um ex-atleta nas transmissões é aproximar o público a uma dessas figuras de prestígio, que outrora protagonizaram grandes histórias. Denominados “artistas do espetáculo” (Marques, 2017), a imagem do ex-atleta aproxima o fato esportivo do telespectador.

Por isso, um dos fatores a serem contatados quanto à participação destas figuras nas transmissões, é como suas falas e posicionamentos podem contribuir para exageros, distorcendo e distanciando o esporte da informação e do fato. Para Coelho (2004), a emoção deve ser utilizada de forma controlada, de maneira que aproxime o público do esporte, mas não afaste o fato do público. Esta interpretação fria do esporte é papel do comentarista.

Cada vez mais, é possível ver ex-atletas que atuam como comentaristas se distanciando da leitura fria, baseada em dados concretos, como dados, estatísticas e apurações jornalísticas realizadas previamente às competições.

Isto nos leva a outro ponto que merece ser questionado quanto à participação desses agentes: o preparo oferecido pelas emissoras aos atletas e ex-atletas contempla aspectos fundamentais como formação em comunicação, experiência prática, pesquisa e estudo — competências tradicionalmente atribuídas aos jornalistas profissionais?

A motivação para esta pesquisa se dá pela preocupação com a qualidade das transmissões esportivas que, em certos momentos, exigem um caráter de seriedade e frieza, colocando a informação como prioridade, como elucida Coelho:

Vergonha, para o jornalista, é equivocar-se na informação, coisa comum quando se trata de apuração. Mas mentir sobre uma coisa que diz respeito à sua própria vida é esquecer-se do maior compromisso do jornalista: o compromisso com a verdade (Coelho, 2004, p.59).

Cada vez mais, o audiovisual está tomando um caráter “espetacularizado”, contando com a utilização de elementos que descredibilizam a importância do profissional do jornalismo. Dessa forma, sistematizar e verificar a participação dos ex-atletas nas transmissões dos Jogos Olímpicos é uma forma de compreender um dos elementos que são utilizados para o processo de espetacularização. Com isso, é possível identificar necessidades que as transmissões esportivas exigem e encontrar soluções para que a informação concreta e o trabalho jornalístico especializado não se percam em meio a emoção.

A motivação, aqui, não é descredibilizar o papel e experiência de ex-atletas, mas sim explicar o aumento dessa participação nos mais diferentes esportes e países e encontrar a maneira mais eficiente de aproveitar as qualidades que estes ex-profissionais podem agregar às transmissões.

2.2. O papel do jornalismo

Nelson Traquina (2005) defende que o jornalismo é a resposta para as perguntas de qualquer dia: “o que está acontecendo no mundo?”, “o que está acontecendo no meu país?” ou, mais próximo ao objeto desta pesquisa: “quem ganhou o jogo ontem?”. Isto posto, é possível compreender que o jornalismo tem como função, de maneira simplificada, responder a perguntas cotidianas, ligadas à realidade da população.

Ainda segundo o autor, “os jornalistas veem os acontecimentos como ‘estórias’ e as notícias são construídas como ‘estórias’, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas” (Traquina, 2005, P. 21). O conceito de “narrativa jornalística” será muito utilizado neste trabalho, visto que é possível compreender uma transmissão esportiva como uma história, composta por começo, meio e fim. Não apenas isto, mas também composto por personagens: heróis e vilões; protagonistas e figurantes, segundo a lógica do espetáculo.

Estas narrativas (e as notícias) devem ser compreendidas pelo jornalista como uma “construção” social:

O resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol das suas estratégias de comunicação, e os profissionais do campo, que reivindicam o monopólio de um saber, precisamente o que é notícia (Traquina, 2005, p. 28).

Tamanha é a responsabilidade de cuidar das narrativas jornalísticas e das notícias. E por isso, o autor também destaca que os jornalistas devem oferecer ao público informações verdadeiras e objetivas, que possam contribuir para o crescimento da sociedade como um todo (Traquina, 2005).

Não apenas isso, mas o papel do jornalismo, agora de maneira mais profunda, serve como uma ferramenta para garantir o crescimento da sociedade mencionada por Traquina. Segundo James Mill (1831), a imprensa “deveria ser um instrumento de reforma da sociedade, aliás o principal instrumento para obrigar o governo a efetuar as reformas sociais” (Traquina, 2005, p. 49).

Isto posto, é papel do jornalista, a partir da prática deontológica da profissão, trabalhar de forma ligada ao fato, baseado na necessidade de construir uma sociedade melhor por meio da “verdade”. A imprensa, com o poder de manipular as

narrativas, têm enorme influência na percepção da realidade do público que consome seus produtos.

O que a princípio era pautado pelo bem-estar e avanço da sociedade, muitas vezes contribuindo para o estado democrático de direito, também pode ser utilizado, como é possível observar na contemporaneidade, para o lucro. Afinal, o mercado opera na lógica capitalista, que força a mídia e a imprensa a sobreviverem por meio de estratégias que garantam que o seu produto esteja sendo consumido e consequentemente, suas operações continuem sendo realizadas.

Traquina (2005) destaca que, no século XIX, a industrialização da imprensa e sua enorme expansão, além da definição dos dois polos do jornalismo, ajudaram a definir o que seria a luta da profissão ao longo das décadas, que permeia até hoje:

4) a definição de dois pólos dominantes no campo jornalístico moderno: a) o pólo “econômico” ou “comercial” — com a comercialização da imprensa no século XIX, as notícias são a mercadoria de um negócio cada vez mais lucrativo; b) o pólo “ideológico” ou “intelectual” — com a identificação da imprensa como elemento fundamental da teoria democrática, o jornalismo é visto como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer os seus direitos democráticos (Traquina, 2005, p. 125-126).

Desta forma, é possível compreender, como parte inicial deste trabalho, a lógica das grandes emissoras televisivas e outros veículos de comunicação, que investem em maneiras de continuar sobrevivendo em meio à lógica capitalista que define a informação como produto e força a imprensa a, cada vez mais, focar suas operações no polo “econômico” ou “comercial”, definido por Traquina (2005), enquanto o polo “ideológico” ou “intelectual” é cada vez mais sucateado.

Esta lógica nos permite iniciar um diálogo que justifique a presença de figuras como ex-atletas nas transmissões esportivas, um dos objetivos desta pesquisa. Justificativa essa que ainda é mais abrangente quando tratamos a era da reprodutibilidade técnica proposta por Walter Benjamin (1955), que discute como a reprodutibilidade técnica impulsiona a estetização e mercantilização da cultura. No esporte contemporâneo, as transmissões televisivas incorporam narrativas dramáticas, transformando o evento esportivo em um espetáculo midiático altamente roteirizado e comercializado. Este assunto será novamente abordado ao longo da pesquisa, principalmente quando se tratar de “espetacularização”, nas seções 2.7 e 2.8.

Agora que foi possível compreender os principais objetivos do jornalista e suas responsabilidades para com a profissão e a sociedade, é necessário compreender, também, a evolução da segmentação esportiva do jornalismo, a fim de melhor elucidar como o esporte chegou até as transmissões da atualidade e, assim, traçar quais são suas características e qual o papel e os efeitos dos ex-atletas nessas transmissões.

2.3 O jornalismo esportivo e o início da imprensa esportiva no Brasil

Como já elucidado, a mídia audiovisual, atualmente, tem suas transmissões e conteúdos esportivos apoiados na utilização da figura de ex-atletas como comentaristas. A Rede Globo, emissora que transmitiu os Jogos Olímpicos de Paris, objeto desta pesquisa, tem ex-atletas como figuras presentes em transmissões, mesas de debates e até coberturas *in loco*.

Este movimento se tornou frequente tanto no Brasil como internacionalmente. Mas, seguindo o problema deste estudo, por que os ex-atletas têm ganhado tanto espaço na mídia como analistas e comentaristas?

Para compreender este movimento, é necessário refletir sobre o avanço das transmissões esportivas e a função do comentarista ao longo da história do jornalismo esportivo, além de buscar entender o que motiva as emissoras a buscarem estes ex-profissionais como figuras de referência.

Há mais de um século, Lippmann (1922) argumentava que a mídia é a principal forma de ligação entre o que as pessoas escutam e imaginam acerca de fatos e acontecimentos, e o que de fato ocorre nestes eventos. É possível afirmar que se torna responsabilidade da mídia e do jornalismo oferecer ao público informações verdadeiras e objetivas (Traquina, 2005). Esse serviço contribui para a imagem construída na mente do público, configurando a ponte entre a visualização e o acontecimento.

Ainda mais antiga que Lippmann e seus estudos, está a prática esportiva. Uma prova disso é a remota criação dos Jogos Olímpicos, idealizados na Grécia Antiga, em 776 antes de Cristo. Tão antiga quanto a prática esportiva, também está o interesse do público em acompanhar os esportes. Antonio Alcoba López (2005) argumenta que foi neste período que as primeiras construções foram realizadas, pensando em acomodar o público que acompanharia as disputas.

Alcoba nos demonstra, abordando as antigas civilizações, que sempre ficou claro o interesse do homem no esporte: “a aceitação do jogo e sua propagação são imparáveis. Transcende todos os âmbitos da sociedade e é acolhido pelas forças religiosas, militares e políticas dos Estados” (Alcoba, 2005, p. 20).

Dito isso, a humanidade caminhou quanto à prática esportiva e sua transmissão até os momentos já citados, como as primeiras transmissões esportivas de rádio e televisão. Contudo, o jornalismo esportivo percorreu um longo caminho até se tornar o que é hoje.

Apesar de segmentado, o jornalismo esportivo é tão importante (e complexo) quanto qualquer outra área da profissão. Britos e Andrade (2008) ressaltam que é fundamental tratar o jornalismo esportivo com a mesma seriedade que outras editorias e que o caminho para isso seria apostar em profissionais competentes para emitir opiniões com qualidade e de forma adequada. Mas esse nunca foi o cenário da imprensa no Brasil.

As primeiras transmissões esportivas ocorreram por meio do rádio, por volta da década de 20, do Século XX. Até então, o rádio era o principal meio de comunicação do mundo e, por conta disso, a possibilidade de descrever jogos e esportes para o público que não pode estar presente fisicamente se tornou uma opção.

Soares (1994) aponta que, no Brasil, a primeira transmissão de futebol foi realizada pela Rádio Educadora Paulista, em 19 de julho de 1931. A partida entre as seleções do Paraná e São Paulo foi narrada por Nicolau Tuma.

Durante muitos anos, o rádio foi uma das principais formas de difusão do esporte no Brasil, até a chegada da televisão. Segundo Guttman (1978), a televisão começou a transformar o esporte em um espetáculo visual de massa, com a capacidade de capturar e transmitir a emoção dos eventos esportivos de uma maneira que o rádio não conseguia.

A primeira transmissão de futebol profissional feita na televisão no Brasil foi uma partida de futebol entre Palmeiras e São Paulo, realizada em 15 de outubro de 1950. Esta transmissão foi realizada pela TV Tupi, a primeira emissora de televisão do país (Ribeiro, 2007). O evento não apenas atraiu a atenção do público, mas também estabeleceu um padrão para as transmissões esportivas que viriam sucedê-la nas décadas seguintes.

Mas quais são esses padrões? E como eles evoluíram até as transmissões como conhecemos hoje? Antes, devemos estabelecer algumas bases quanto ao jornalismo esportivo e suas transmissões.

A história da imprensa esportiva brasileira remonta a famosa chegada de Charles Miller ao Brasil, o britânico que trouxe, de sua terra, o futebol para o país. Por conta de sua origem, seria chamado e referenciado como o “esporte bretão” em terras brasileiras.

Foi a partir de Charles Miller o primeiro contato do futebol com a imprensa brasileira. Segundo André Ribeiro (2007), Miller, então membro de uma das 5 primeiras equipes de futebol organizadas no Brasil, atuava como um “cartola” fora dos campos, fomentando o esporte e a competição no Brasil. Foi no século 19 que Miller conheceu Mário Cardim, que, na época, era repórter e entusiasta da modalidade de Miller.

Ainda segundo Ribeiro (2007), com a rápida ascensão do esporte no país e sua popularização nas periferias, Miller, Cardim e a alta classe de São Paulo decidiram que era a hora de organizar uma liga e manter o futebol em suas mãos.

Apesar da dificuldade de competir com outras notícias mais relevantes, Cardim, então repórter do *O Estado*, emplacou a criação da Primeira Liga do Futebol Paulista como pauta, atraindo a atenção da elite da época. Já no Rio de Janeiro, então capital da república, a primeira partida de futebol recebia uma cobertura tímida, realizada por jornalistas acostumados a cobrir remo e turfe, os principais esportes da época:

Claro que, também no Rio de Janeiro, capital da República, pouco interessava aos principais jornais da época divulgar notícias sobre futebol. Para o primeiro jogo realizado entre as duas equipes há o registro de apenas uma pequena nota, publicada no dia 22 de setembro de 1901 em uma coluna batizada de Sport, no recém-criado Correio da Manhã. (...) O mais curioso dessa partida não foi o fato de haver menos público do que jogadores, mas a forma como o jornalista escalado para a cobertura tratou o assunto. Apesar da manchete – “pela primeira vez, no Rio de Janeiro, uma partida de foot-ball” –, a pequena nota mostrava a decepção do repórter com o resultado da partida, que terminou empatada por 1 a 1. Acostumados à cobertura de competições como remo e turfe, que sempre tinham um vencedor, o jeito foi escrever que “o placar esteve indeciso” (Ribeiro, 2007, p. 33, grifo do autor).

Voltando a São Paulo, Coelho (2004) relembra a presença do jornal “Fanfulla”, na década de 10, que focava em divulgação esportiva para os italianos, grupo étnico que estava em crescimento no país. Coelho recorda que o periódico é fundamental até hoje para os arquivos da Sociedade Esportiva Palmeiras que, na

época, se tratava do Palestra Itália, inclusive sendo o veículo que convidou os italianos a formarem o clube:

Mas não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte (Coelho, 2004, p. 7).

Segundo Ribeiro (2007), após a criação da Primeira Liga Paulista e a criação dos clubes cariocas, o espaço dedicado ao que viria a ser o esporte mais relevante do Brasil estava aumentando cada vez mais. Destacando veículos como “A Noite”, a revista “Cigarra Esportiva” e “Vida Esportiva”, Ribeiro mostra que o futebol crescia rapidamente:

Essas notícias fizeram o jornalista (Cardim) lembrar-se de seu pioneirismo em São Paulo e, especialmente, das dificuldades que encontrou para convencer os editores dos principais jornais a divulgar notícias sobre futebol. Tudo havia mudado, mas a popularização do futebol dentro e fora dos gramados também fez surgir nas redações uma verdadeira corrida pela informação. Na ânsia de defender seus direitos, os principais clubes do Rio e de São Paulo nomearam diretores e sócios como ‘porta-vozes’. Na prática, eles viriam a ser os ‘setoristas’ (Ribeiro, 2007, p. 69, grifo do autor).

Coelho (2004) também destaca que, ao contrário do que queriam Miller e Cardim, o futebol precisava de popularização. Por isso, quando o Vasco venceu a segunda divisão do futebol carioca apostando em jogadores negros, em 1923, o futebol, que já recebia cada dia mais espaço nos jornais da época, firmou de vez sua presença e sua relevância popular.

Neste mesmo ano, segundo Ribeiro (2007), a Rádio Educadora Paulista entrou no ar em São Paulo. Nessa época, a presença do rádio engatinhava, muito por se tratar de um aparelho elitista. Ainda assim, centenas de novas rádios surgiam. Contudo, ainda sem tratar de esportes entre suas principais pautas. Segundo Edileuza Soares (1994), foi apenas em 1931 que aconteceu a primeira transmissão esportiva de rádio, como já citado anteriormente.

Também em 1931, nasceu o “Jornal Dos Sports”, no Rio de Janeiro, que, segundo Coelho (2004), foi o primeiro diário dedicado exclusivamente ao esporte. O autor explica que as décadas que sucederam este início do jornalismo esportivo foram marcadas pela criação e queda de diferentes veículos, impulsionada por um ciclo de desafios econômicos e culturais.

Como Coelho (2004) destaca, havia um preconceito de que apenas pessoas de menor poder aquisitivo se interessavam por publicações esportivas. Esse fator criava um dilema: a baixa renda do público-alvo dificultava a viabilidade financeira dos jornais, pois essas pessoas priorizavam gastos essenciais e, quando interessadas no esporte, preferiam investir em ingressos para assistir aos jogos em vez de comprar publicações. Assim, muitos jornais esportivos surgiam tentando atender a essa demanda, mas não conseguiam se sustentar economicamente e acabavam desaparecendo, já que a base de leitores era instável e o mercado publicitário ainda não enxergava o potencial desse segmento.

Entretanto, Ribeiro (2007) ressalta que alguns veículos foram fundamentais para a época: “O Jornal”, de Assis Chateaubriand e “O Globo”, herdado por Roberto Marinho de seu pai Irineu Marinho, e “A Gazeta Esportiva”, de Cásper Líbero e que contou com a redação de Thomaz Mazzoni, entre outros que ajudaram a contar a história do esporte no país.

Esta revolução na imprensa jornalística esportiva deu cara para os anos que se seguiram, contando grandes capítulos da história esportiva brasileira, entre Olimpíadas e Copas do Mundo. Mas, para isso, um dos principais personagens da história do jornalismo esportivo teria de entrar em ação: Mário Filho.

Mário Rodrigues Filho, filho do advogado pernambucano Mário Rodrigues, criado no Rio de Janeiro. Seu pai trabalhava no “Correio da Manhã” em 1916, mas logo fundou seu próprio jornal: “A Manhã”. Com o pai ainda em vida, Mário Filho era responsável pelo caderno de esportes e começou sua trajetória revolucionando a linguagem do jornalismo esportivo da época:

Começou ‘sepultando todo e qualquer formalismo de expressão’, especialmente nas entrevistas que apresentavam uma ‘linguagem nova, simples e vibrante, lembrando a língua até então somente falada nas ruas e nas arquibancadas dos estádios de futebol. A época dos acadêmicos estava chegando ao fim’ (Ribeiro, 2007, p. 92, grifo do autor).

Mário Filho seguiu carreira no jornalismo esportivo, assumindo a editoria de esportes de O Globo em 1931, a convite de Roberto Marinho. Em 1936, tornou-se proprietário do *Jornal dos Sports*, publicação que se tornaria referência no meio esportivo. Durante anos, foi um dos principais nomes das crônicas e do jornalismo esportivo no Brasil, sendo reconhecido, pelo irmão Nelson Rodrigues, como o “pai” do jornalismo esportivo moderno, ajudando a moldar muito do que viria a ser a imprensa esportiva como se conhece hoje.

A reflexão dos autores nos leva de volta ao início do jornalismo esportivo. Por que indagar se esta segmentação necessita ser tratada com seriedade? José Carlos Marques (2020) explica que, até o início da década de 1940, o jornalismo esportivo era o último na hierarquia dos jornais impressos, mantendo um discreto papel na imprensa escrita.

Para melhor elucidar as operações do jornalismo esportivo da época, podemos recorrer a Adriano Neiva (1954). Em seu livro “60 Anos de Futebol no Brasil - 1894-1954”, Neiva explica que, na redação esportiva da época, não havia funções fixas, e os jornalistas sequer recebiam por escrever sobre futebol. Eram apenas cronistas e escritores que queriam comentar sobre suas partidas favoritas e defender seus clubes.

Mas em que momento a cobertura jornalística esportiva de fato foi definida? O comentarista, alvo principal desta pesquisa, já estava presente nas remotas transmissões radiofônicas, entre 1930 e 1940, como explica André Ribeiro (2007). A princípio, tinha a função de ser um “auxiliar” do narrador, informando placares, autores dos gols e estatísticas. Já existia algo próximo do que conhecemos hoje, visto que também era função na época resumir o que aconteceu no primeiro tempo das partidas, ainda que seja se manifestando apenas no intervalo.

Aos poucos, o comentarista ia ganhando mais espaço, até o momento em que as transmissões já traziam os cronistas para comentarem lance a lance. Com o surgimento da TV, a função se estabeleceu de vez. A opinião, outrora expressada apenas nos produtos impressos e escritos, agora também era partilhada com imagens e áudio.

José Carlos Marques (2003) descreve que, conforme os esportes (e, principalmente, o futebol) foram se profissionalizando, o jornalismo esportivo seguiu o mesmo caminho:

Assim que os eventos esportivos começaram a adquirir importância social, tornou-se inevitável que a imprensa se debruçasse sobre esses espetáculos. Um exemplo dessa aproximação está na atuação de Mário Filho (irmão de Nelson Rodrigues), que representou um dos profissionais da imprensa que mais se esforçou em valorizar o ‘métier’ do analista e do repórter esportivo, a partir de todo o trabalho empreendido na promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, o próprio espetáculo (Marques, 2003, p. 4).

Ribeiro (2007) aborda o surgimento do programa de opinião esportiva “*Grande Resenha Fácit*” como a “mais famosa mesa-redonda”. Um marco para o

jornalismo esportivo e audiovisual. As mesas eram compostas por grandes referências do jornalismo (que também são reconhecidos como grandes cronistas) Armando Nogueira, João Saldanha, Nelson Rodrigues e Luiz Mendes.

2.4 As transmissões esportivas no rádio

Como citado anteriormente, a evolução do rádio no Brasil começou junto ao jornalismo esportivo. Entretanto, com a popularização do rádio, pouco sobre esporte era dedicado entre as pautas das transmissões radiofônicas. Por isso, Edileuza Soares destaca que, apesar de o futebol ter sido popularmente bem recebido, ainda não havia espaço para o esporte neste novo modelo de comunicação: “até o início da década de 30, quem quisesse saber algo sobre o desenvolvimento de um jogo, no momento em que estava se realizando, tinha de ir ao estádio” (Edileuza Soares, 1994, p. 13).

Com a experiência da rádio educadora na transmissão da partida entre as seleções do Paraná e São Paulo (Soares, 1994), foi provado que era possível narrar lance a lance de uma partida, uma revolução para a cobertura esportiva e que seria imitada pelas principais rádios do país até a televisão e que dura até hoje. Segundo Edileuza, o sucesso do formato se deu muito pela habilidade de Nicolau Tuma, narrador da partida em questão, apelidado de “*speaker* metralhadora”.

Neste momento, então, se esboçou o que viria a ser a espetacularização do esporte. Apesar da baixa qualidade técnica das rádios da época, o público se encantava com as histórias narradas pelas transmissões, ainda mais quando realizadas por quem se tornou referência no assunto, como os casos de Nicolau Tuma e Gagliano Neto, responsável por narrar as 5 partidas da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938.

A transmissão foi a primeira de um jogo da Europa, enquanto os radialistas brasileiros ainda se aventuravam nas transmissões sul-americanas. Foi reconhecida como um “grande passo para a radiodifusão brasileira”, de acordo com os veículos da época. Vale ressaltar que a transmissão foi realizada por meio dos principais veículos esportivos do período, como recorda Soares (1994):

Gagliano narrou diretamente da França, onde estava em disputa a III Copa do Mundo. Ele irradiou os cinco jogos do Brasil, para a cadeia das Emissoras Byington (formada pelas rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro; Cosmos e Cruzeiro do Sul, de São Paulo), em

combinação com O Globo e o Jornal dos Sports, com o patrocínio exclusivo do Cassino da Urca (Soares, 1994, p. 27).

Ainda segundo Soares (1994), as transmissões radiofônicas começaram a desenhar sua estrutura de equipe, incorporando narradores e repórteres que buscavam transmitir a emoção do espetáculo ao público. Esse período foi marcado pela consolidação das emissoras de rádio como protagonistas na cobertura esportiva, especialmente a partir da profissionalização do futebol em 1933.

A Rádio Record ganhou prestígio em São Paulo após a Revolução de 1932 e, em 1944, já fazia parte de um cenário competitivo com diversas emissoras. O interesse pelo esporte levou Paulo Machado de Carvalho a apostar na transmissão sistemática de jogos de futebol, desafiando a exclusividade de algumas rádios, como a Cruzeiro do Sul, parte do grupo Byington e que tinha contrato com os principais estádios paulistas. A Record inovou ao instalar torres externas para transmitir partidas, enquanto a Rádio Panamericana, posteriormente adquirida pelo grupo de Paulo Machado, impulsionou um salto qualitativo no radiojornalismo esportivo, forçando concorrentes a aprimorar suas técnicas.

A evolução dessas transmissões consolidou uma nova dinâmica na cobertura esportiva, onde narradores vibrantes e repórteres de campo tornaram-se essenciais para captar a atmosfera do jogo e envolvê-lo em uma narrativa emocionante. Esse modelo, iniciado no rádio, molda o jornalismo esportivo das décadas seguintes e influencia, mais tarde, as transmissões televisivas.

Aqui, vale destacar algumas figuras centrais para a evolução da transmissão esportiva radiofônica, além de Nicolau Tuma e Gagliano Neto:

O primeiro time estava composto, além de Pedro Luís, por Mário Moraes, Hélio Ansaldo, Otávio Muniz, Aníbal Fonseca, Raul Tabajara, Blota Júnior, Salém Jr., Nelson Spinelli. Havia também um “juiz do juiz”, Flávio Iazetti, incumbido de criticar a atuação do árbitro do jogo. A “Emissora dos Esportes” contava ainda com dois reforços: Narciso Vernizzi (que mais tarde se tornou o “Homem do Tempo” da Jovem Pan) no Plantão Esportivo e Carlos Costa, que comandava o “Jornal Esportivo do Interior” (Soares, 1994, p. 40).

Ainda sobre o início das funções nas transmissões esportivas, Ribeiro (2007) destaca que, a princípio, não havia repórteres de campo. O autor explica que essa função era realizada por narradores, que se colocam atrás dos gols, com o objetivo de descrever a partida e, muitas vezes, eram os responsáveis pelo grito de “Gol”.

Além disso, após o fim da partida, estes profissionais entrevistavam os jogadores, os principais personagens do espetáculo.

Contudo, com o investimento e popularização da rádio, novas funções foram viabilizadas, como a de repórter de campo e, posteriormente, comentarista:

Como em todos os assuntos que envolvem a palavra “pioneirismo” entre cariocas e paulistas, a criação da função do repórter de campo também é reclamada pelos cariocas. Jorge de Souza, repórter em meados da década de 1940, relembra que no Rio de Janeiro essa função, antes da Panamericana, já era executada pelo repórter Ailton Flores, apelidado de “Canarinho” por ser baixinho, magro, loiro e de topete idêntico ao pássaro de mesmo nome (Ribeiro, 2007, p. 156).

Além disso, vale citar dois momentos marcantes para as transmissões esportivas. O primeiro deles foi a mudança de grito de “Gol” realizada pelos locutores, que define um estilo de narração brasileiro inconfundível:

Tudo começava a mudar no rádio esportivo. Até mesmo o grito de gol curto, utilizado pela maioria dos locutores até meados da década de 1940, cedia lugar a um novo estilo criado pelo narrador Rebello Junior. A partir daquele momento o instante de maior emoção do futebol passava a ser narrado de forma longa: “goooooo!”. A nova forma, emocionante, ganhou tanta fama entre os torcedores que até apelido o narrador ganhou. Rebello Júnior passou a ser conhecido como “o homem do gol inconfundível (Ribeiro, 2007, p. 156).

O outro momento é fundamental para o andamento desta pesquisa. A criação da função de comentarista se deu graças à dupla inconfundível da Rádio Panamericana, Pedro Luís e Mário Moraes. Segundo Soares, “a ‘Emissora dos Esportes’ levou ao ponto máximo o comentarista do jogo, transformando-o num nome tão forte quanto o do narrador” (Soares, 1994, p. 47).

A autora explica que, em um primeiro momento, o locutor era o único da transmissão a ir até o estádio, onde instalava os equipamentos sozinho. Ela destaca que foi no início da década de 30 que o locutor passou a entrevistar colegas da imprensa esportiva impressa no ar, durante o intervalo do primeiro para o segundo tempo dos jogos. As entrevistas evoluíram para resumos técnicos da partida, onde se descrevia o que havia acontecido até então, como o placar, número de escanteios e de faltas.

As rádios da época tocavam músicas após estas informações técnicas e assim ficavam até o retorno para o segundo tempo. Em entrevista a Edileuza Soares (1994), Blota Júnior, então locutor titular da Cruzeiro do Sul, em 1940, recorda que tinha receio do público abandonar a transmissão durante este intervalo. Esta

preocupação fez com que Blota convidasse Geraldo Bretas, redator de esportes, para realizar comentários durante o intervalo.

Já com essa nova função em mente, anos mais tarde Blota se juntou a Geraldo José de Almeida, na rádio Record, deixando a narração para o companheiro e se tornando comentarista: “eu assumo o fato de ter criado uma nova modalidade de comentário esportivo, em que eu preenchia todo o espaço do intervalo com os meus comentários do jogo, com crítica sobre os jogadores, os melhores, os piores, como foi a atuação do juiz” (Soares, 1994, p. 48). Nota-se, que neste momento, a função de comentarista no Brasil começava a ser delimitada.

Não apenas o rádio ajudou a definir as estruturas das equipes das transmissões bem com as funções destes agentes jornalísticos, mas também deu palco para potencializar o que as crônicas esportivas já faziam: tratar o esporte com emoção.

Desde o início da imprensa esportiva no Brasil, apelar ao emocional do torcedor era visto como uma maneira eficiente de atrair a atenção e vender mais exemplares. Era uma tarefa complexa, considerando a dificuldade de cativar o leitor ao comentar sobre uma partida que já havia passado, muitas vezes com pouco ou nenhum recurso visual ou sonoro:

"Os textos continham frases curtas, o resultado do jogo nunca era divulgado no início da matéria (não havia o lide, na época) e predominava uma preocupação intensa com a descrição detalhada de todos os lances surgidos durante uma partida de futebol, com o requinte de não se esquecer de nenhum detalhe" (Marques, 2020, pág. 8555).

Assim, o trabalho dos primeiros cronistas esportivos foi fundamental para construir a narrativa emocional que seria potencializada pelo rádio. Inclusive, muitos desses cronistas migraram posteriormente para o rádio, levando consigo a experiência da escrita detalhista e emocional para a oralidade radiofônica, como Geraldo Bretas, por exemplo (Soares, 1994). A rádio, por sua vez, ainda apresentava desafios semelhantes: era necessário transmitir, apenas por palavras e com emoção, o que acontecia diante dos olhos da equipe de transmissão. Dessa necessidade, surge a chamada “linguagem futebolística”, composta por jargões, expressões, bordões e metáforas, que ajudavam a ilustrar a partida para o ouvinte, cativando-o pela força da imaginação.

Esse novo formato não apenas replicava o esforço emocional da crônica esportiva escrita, como também o amplificava. No rádio, a emoção se fazia presente

em tempo real, com a vibração da voz, o ritmo acelerado dos relatos e a criação de imagens sonoras que transportavam o torcedor para dentro do estádio. É nesse processo que se consolida uma das características mais marcantes do jornalismo esportivo brasileiro: a paixão e o partidarismo na cobertura, como já era visto nos jornais da época. Marques (2020) também demonstra que, desde a época da crônica esportiva e da rádio, se mantém “uma mentalidade clubística, regionalista, partidária e passional” (Marques, 2020, pág. 8555) reforçando que essa marca emocional e passional é uma herança que o rádio não apenas absorveu, mas ajudou a popularizar. Um exemplo disso, é a torcida desenfreada pelo sucesso dos atletas brasileiros nas olimpíadas, como será verificado mais à frente.

Assim, pode-se dizer que o rádio não só incorporou as práticas da crônica esportiva, como também desenvolveu um estilo próprio, que será posteriormente imitado pela televisão. A capacidade de dramatizar o esporte, de construir heróis e vilões, de criar uma narrativa que extrapola o mero relato factual, formou a base do que viria a ser o espetáculo esportivo midiático constatado no presente trabalho.

Esse movimento inicial foi fundamental para delimitar o espaço ocupado pelos comentaristas nas transmissões esportivas brasileiras. Embora inicialmente composto por jornalistas, o papel aberto pela rádio posteriormente permitiria a entrada de ex-atletas nesse universo — tendência que se intensificou com a televisão e, mais recentemente, com o streaming. Dessa forma, entender o surgimento e a consolidação da função de comentarista no rádio é essencial para compreender a transição que levou à presença maciça de ex-jogadores no papel de analistas, como constatado nas transmissões contemporâneas da SporTV e da CazéTV.

2.5 As transmissões esportivas na televisão brasileira

Foi em 18 de setembro de 1950, meses após o “Maracanazo”, como ficou conhecida a final da Copa do Mundo de 1950, que entrou no ar a TV Tupi, canal 3 de São Paulo, de acordo com Ribeiro (2007).

O clima da imprensa brasileira era de desânimo e dor para com o esporte, graças ao resultado desastroso de 2x1 para os uruguaios. Nesse clima, surgiu a televisão, o que viria a ser uma revolução na maneira de comunicar e transmitir o futebol. O dono da TV Tupi era o empresário Assis Chateaubriand, que já possuía vários dos principais veículos de comunicação da época. Eram 34 jornais, 36

emissoras de rádio, uma agência de notícias, a revista “O Cruzeiro”, dez revistas infantis e uma editora sob o poder Assis.

O autor destaca que, desde o início da TV no Brasil, o esporte recebeu espaço privilegiado (Ribeiro, 2007, p. 188). Aqui, vale destacar que o primeiro programa esportivo na televisão foi o *Vídeo Esportivo* apresentado por Aurélio Campos junto a Baltazar, ex-jogador de futebol e ídolo corintiano. É possível notar então que, desde o início da televisão, a figura do ex-atleta já era utilizada.

Logo um mês depois do lançamento da TV Tupi ao ar, foi realizada a primeira transmissão de um evento esportivo na televisão brasileira:

O público presente ao estádio do Pacaembu para assistir à partida entre Palmeiras e São Paulo era milhares de vezes superior ao número de aparelhos receptores. Duzentos privilegiados, no máximo, conseguiram acompanhar depois, em casa, as primeiras imagens de uma partida de futebol transmitida pela televisão. Aurélio Campos e Wilson Brasil foram os narradores pioneiros da tevê, que levaria ainda muitos anos para se consolidar entre os torcedores (Ribeiro, 2007, p. 188).

Apenas em 1970, enfim uma Copa do Mundo foi transmitida pela televisão. Segundo Ribeiro (2007), os direitos de transmissão daquela Copa foram divididos em 3 emissoras: TV Tupi, TV Globo e TV Record, esta última, que contou com comentários de Leonidas da Silva, o Diamante Negro, demonstrando, mais uma vez, o espaço que o ex-atleta já vinha recebendo no jornalismo esportivo.

Segundo Marques (2020), o final da década de 60 e o início da década de 70 marcaram a transição do predomínio da comunicação de notícias cotidianas da rádio e do jornal impresso para a televisão:

Se antes eram os jornais e o rádio (este em maior escala) os responsáveis por manter a população informada, agora seria a vez de um novo meio eletrônico, aliando imagem e áudio, transformar-se no grande concentrador das atenções do homem moderno no final do século XX (Marques, 2020, p. 8605).

Esta transição ocasionou um recuo do jornalismo impresso, que, não apenas tinha de competir com a televisão enquanto atrativo, mas também viu vários profissionais migrarem para a televisão.

A televisão não transformou apenas o meio jornalístico, mas também a linguagem e a dinâmica das transmissões e coberturas esportivas, que vinham evoluindo desde as primeiras crônicas impressas até a rádio. Já muito pautada na emoção da rádio, a televisão tinha agora ao seu favor as imagens do espetáculo. O

novo formato de transmissão tinha tudo para levar até o telespectador emoção aliada à informação.

Os autores também definem a formação das transmissões, criada na rádio, mas que permanece até hoje: narrador e comentarista na cabine e repórter no campo. Aqui, mais uma vez, as dinâmicas entre os integrantes desta equipe são definidas a partir da espetacularização: o narrador é responsável por criar o espetáculo e, por conta disso, tem muito mais protagonismo que o comentarista e o repórter.

Sobre a linguagem televisiva, Barbeiro e Rangel (2006) demonstram alguns pontos importantes para serem observados pela equipe ao longo de uma transmissão, como o uso de bordões ultrapassados e de termos do futebol nas transmissões de outros esportes. Além disso, outras orientações são necessárias. Barbeiro e Rangel (2006) destacam em seu manual a necessidade da pesquisa, fundamental para qualquer área do jornalismo:

Pesquise sempre antes de narrar qualquer evento esportivo. Anote as antigas e possíveis escalações, perfil dos atletas, recordes, características físicas dos jogadores para não se confundir, e principalmente cheque a pronúncia dos nomes estrangeiros (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 67).

Este é um dos pontos que serão observados quanto à participação dos ex-atletas enquanto comentaristas nas transmissões das olimpíadas mais à frente. Sem uma profissionalização na área da comunicação, a recorrência de comentários sem base em pesquisa por parte desses ex-atletas esteve presente ao longo das transmissões, como será destacado nas análises da seção 4.4.

De volta ao caminho percorrido pelas transmissões esportivas na televisão brasileira, Marques (2020) recorda que, a partir da década de 70, a revista “Placar” transformou a cobertura esportiva no país com uma nova linguagem, influenciando os jornais da época:

Utilizando uma linguagem mais moderna, buscando novas abordagens no tratamento dos atletas, abusando do uso de imagens e fugindo dos lugares-comuns próprios do meio do futebol, a revista sedimentou-se rapidamente como um dos veículos mais importantes no mundo do esporte e passou a influenciar as coberturas dos principais jornais brasileiros (Marques, 2020, p. 8605).

Na década de 1980, vale citar dois episódios relevantes na história da mídia televisiva esportiva. Em 1981, Galvão Bueno foi contratado pela TV Globo para

narrar grandes eventos, especialmente a Fórmula 1, ainda sem o prestígio que alcançaria nos anos seguintes. O esporte, porém, já tinha brasileiros campeões e estava nas graças do público. A Globo transmitiu os títulos brasileiros na Fórmula 1, conquistados pelo piloto Emerson Fittipaldi, em 1972 e 1974, narrados por Luciano do Valle. Naquele momento, ele era o principal narrador da emissora, como aponta Ribeiro (2007).

Luciano tinha o objetivo de criar sua própria empresa de eventos esportivos. Por isso, em 1982, ele trocou a Globo pela TV Record para trabalhar, junto da sua empresa Promoção, especializada na promoção de esportes olímpicos, na divulgação de esportes além do futebol. Lá, promoveu a transmissão do “Grande Desafio do Vôlei”, quando 95 mil pessoas prestigiaram, no Maracanã, o confronto entre Brasil e União Soviética, em julho de 1983.

A mudança durou pouco e, após sete meses de trabalho, Luciano trocou novamente de emissora, chegando enfim a Bandeirantes, onde revolucionou a cobertura esportiva no país.

Pela primeira vez, desde a programação voltada completamente para o esporte na rádio Panamericana, uma emissora, agora de televisão, ousava dedicar quase um dia inteiro à transmissão de eventos esportivos. Estava criado o *‘Show do Esporte’*, uma verdadeira maratona esportiva comandada por Luciano do Valle, que a partir daquele instante passou a ser, além de narrador, um grande incentivador de esportes como vôlei, basquete e atletismo. Com essa ampla cobertura, além do tradicional futebol, a TV Bandeirantes criou um novo slogan, passando a ser tratada como o “Canal do Esporte”. (Ribeiro, 2007, p. 354).

Luciano foi o responsável por levar às telas brasileiras novas competições e esportes, como ainda não havia sido feito. Ribeiro (2007) explica que, entre 1986 a 1993, a Bandeirantes chegou, inclusive, a bater de frente com o monopólio da Globo sobre o Campeonato Brasileiro, tendo Luciano como sua principal voz e um dos principais estrategistas da televisão.

Os anos 1990 trouxeram novas mudanças, especialmente com a chegada da TV por assinatura. Em 1991, a Globosat e a TVA iniciaram suas operações, marcando o início da era da televisão fechada no país. O Grupo Globo, por sua experiência acumulada desde 1965, saiu na frente, enquanto a TVA enfrentou desafios técnicos que comprometeram sua expansão (Coelho, 2003). Três anos

depois, a TVA Esportes transmitiu integralmente o Campeonato Brasileiro, cobrindo todos os jogos. No entanto, em 1995, o canal passou por uma transformação e se tornou a ESPN Brasil, resultado de uma parceria entre o Grupo Abril e a Disney, alterando o cenário das transmissões esportivas na TV fechada.

A virada do século trouxe outra grande revolução na forma de acompanhar eventos esportivos. Em 1998, a internet passou a ser uma ferramenta essencial na mediação da Copa do Mundo realizada na França. Grandes jornais brasileiros, como O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo, lançaram portais exclusivos para que os internautas pudessem acompanhar os jogos em tempo real e acessar conteúdos exclusivos (Marques, 2020).

Nos anos 2000, a TV Globo consolidou seu domínio sobre as transmissões esportivas no Brasil. Com a exclusividade sobre os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, a emissora controlava a distribuição das imagens, liberando os melhores momentos apenas após a exibição do programa *Globo Esporte*. No entanto, outras emissoras, como *Bandeirantes*, *Record* e *SBT*, encontraram maneiras de contornar essa barreira. Através de uma rede de trocas de imagens entre afiliadas em diferentes estados, esses canais conseguiam exibir os gols e principais lances dos jogos, garantindo que a cobertura esportiva fosse mais diversificada e acessível (Coelho, 2003).

De todo modo, as configurações de linguagem e organização de equipe para as transmissões se mantiveram ao longo dos anos, até a contemporaneidade. Veremos, nas análises das transmissões das Olimpíadas, que a estrutura de narrador, comentarista e repórter se manteve, contando com adicionais no número de repórteres de campo e comentaristas na transmissão. Não apenas essa formação se manteve, mas também o interesse pelo polo econômico ou comercial do jornalismo, definido por Traquina (2005) e apoiado na “espetacularização” e na emoção.

Isto posto, é possível se aprofundar no papel primário do comentarista esportivo e os efeitos da “espetacularização” nas transmissões esportivas, que distanciam o jornalismo crítico e informativo do público e fortalecem a ideia de espetáculo.

3. O PAPEL DO COMENTARISTA

Este trabalho busca compreender a participação de ex-atletas enquanto comentaristas nas transmissões esportivas das participações brasileiras nas modalidades futebol feminino, basquete masculino e skate street masculino e feminino das olimpíadas de 2024, em Paris. Para que seja possível entender essa participação, é necessário descrever qual é a função de um comentarista e verificar como chegamos ao atual momento das transmissões, onde ex-atletas estão predominantemente presentes como comentaristas.

Uma definição conceitual do comentarista, quais são suas funções e como ele pode contribuir para a transmissão da narrativa jornalística durante uma transmissão esportiva são alguns fatores que permitem verificar o desempenho dos ex-atletas nas transmissões das olimpíadas.

Para Barbeiro e Rangel (2006), o comentarista tem o papel de explicar e permitir ao torcedor acompanhar o jogo de forma diferenciada, além de descrever o que aconteceu, o que pode acontecer e prever o que aconteceria numa partida. Na mesma linha de raciocínio, é possível citar também Toledo (2000), que argumenta que o comentarista deve “traduzir” as dimensões e acontecimentos do jogo para o público em forma de narrativa jornalística.

Barbeiro e Rangel (2006) destacam que não é uma função simples. Para que seja realizada com primazia, deve-se demonstrar seu conhecimento, experiência e vivência na cobertura esportiva por meio de comentários e previsões que, quando confirmadas, trazem credibilidade a este profissional, como em tantas outras funções jornalísticas. Nesse sentido, o ex-atletas pode contribuir em alguns aspectos, mas em outros, não parece ser o profissional mais ideal.

Se a função do comentarista é decodificar o esporte para o público, ninguém melhor para fazer isso do que os próprios atletas, que são os responsáveis pelas tomadas de decisões dentro do esporte. Esta é uma das diversas maneiras de enxergar o movimento que tem colocado os ex-atletas em evidência nas transmissões.

Por outro lado, Marques de Melo (1985) explica que o comentário é de responsabilidade de profissionais que possuem grande experiência no setor e conquistaram status público graças às suas opiniões. Neste sentido, o autor enfatiza que o comentarista deve utilizar de sua visão privilegiada para decodificar as tramas

e apresentá-las ao público, de forma que o telespectador saiba como reagir diante dos acontecimentos esportivos.

Dessa forma, fica claro que é necessário que o comentarista transmita as narrativas jornalísticas adequadas, baseadas em sua especialização, para transmitir ao público. Nem sempre é o que podemos ver quando se trata de ex-atletas, que não possuem formação enquanto comunicadores, mas também, como poderemos ver nas análises das transmissões na seção 4.4, que nem sempre o contexto jornalístico, como fatos, históricos de atletas, questões além do esporte, são trazidas por ex-atletas, apesar da influência destes postos no que acontece dentro das competições.

Mas então, por que existe o movimento por parte das emissoras em trazer tantos ex-atletas para as transmissões?

3.1 A espetacularização e a emoção

A resposta da mídia é que esta é uma decisão editorial, que dava direito ao telespectador de ter acesso à opinião destes atletas que, por mérito próprio, estiveram no “palco do espetáculo” e, por conta disso, poderiam acrescentar no debate esportivo ao lado de profissionais da comunicação. Esta resposta, recordada por Marques (2017), foi dada por Luiz Fernando Lima, Diretor da Central Globo de Esportes (CGESP), em 2012, no evento “VI Seminário Intercom – Esportes na Idade Mídia: Diversão, Educação e Informação”, organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e a Globo Universidade, no Rio de Janeiro (RJ).

É fato que Luiz Fernando não estava equivocado em sua afirmação. Esse é, de fato, um dos motivos que contribuíram para o movimento em questão. Marques (2017) recorda, como exemplo, a parceria entre Galvão Bueno, o jornalista Reginaldo Leme (comentarista) e o ex-piloto Luciano Burt (comentarista), que formaram um trio de transmissão da Fórmula 1 durante décadas na TV Globo. Nas transmissões, se tornou frequente que o ex-piloto tivesse de corrigir falas incorretas ou inadequadas dos demais parceiros de transmissões, graças ao conhecimento adquirido por anos como profissional do automobilismo: “aqui, o artista do espetáculo logo ganhou mais credibilidade do que o profissional da comunicação” (Marques, 2017, p. 88).

Situações semelhantes podem ser observadas em esportes menos populares no Brasil, como o skate — um dos objetos deste trabalho. A relativa falta de familiaridade do público brasileiro com esse esporte, cuja prática ainda é emergente em comparação com modalidades mais consolidadas na televisão brasileira, como o futebol e o basquete, pode dificultar a compreensão da transmissão. Nesse contexto, ex-atletas desempenham papel fundamental ao “traduzirem” a linguagem da modalidade, explicando regras, estratégias e termos técnicos que enriquecem a cobertura e facilitam a experiência do espectador.

Isto posto, de certa forma, a participação de ex-atletas enquanto comentaristas do ponto de vista jornalístico é parcialmente justificável, visto que pode ser aproveitada com o objetivo de aprimorar a qualidade de uma transmissão. Entretanto, não é apenas deste ponto de vista que motiva a participação desses profissionais, diferente do que propôs Luiz Fernando Lima.

É possível verificar uma nova perspectiva que pode interferir nas dinâmicas de uma transmissão esportiva: a espetacularização do esporte. É fato que os esportes mexem com o emocional das pessoas. Até por isso, são tão populares. Histórias de superação, o embate, o amor e a torcida ao lado escolhido, a formação de heróis e vilões numa impressionante batalha coloca a emoção como um fator quase que intrínseco ao sucesso das competições esportivas.

Marques (2020) relembra que, historicamente, as transmissões esportivas na televisão foram fortemente influenciadas pelos padrões de equipe, dinâmicas e funções já definidas pela rádio, como citado anteriormente na pesquisa. Estes padrões contribuem para a compreensão de como o esporte foi se tornando espetáculo: “narradores ou locutores utilizam, na maioria das vezes, um sensacionalismo exacerbado, fantasiando as jogadas que decorrem no campo” (Marques, 2020, p. 8684).

Nelson Rodrigues, já citado aqui como cronista e comentarista, escrevia romances sobre o futebol, dando um ar de aventura, emoção e paixão para partidas que talvez acabariam sequer lembradas. Barbeiro e Rangel (2006) reconhecem que, em nenhuma outra área do jornalismo, a informação e o entretenimento se aproximam tanto. Mas, os autores também reconhecem que a emoção deve ser na medida certa, complementada pela isenção, algo que deveria ser buscado na prática das transmissões.

Para Coelho (2004), a emoção deve andar lado a lado com a interpretação fria. Ele argumenta que é justamente o sentimento que aproxima o público das transmissões. Este ponto é mais um que ajuda a explicar a utilização de ex-atletas enquanto comentaristas, como já abordado. Quem melhor para trazer emoção se não o próprio herói, que outrora esteve em foco, disputando suas próprias batalhas?

Entretanto, é possível entender tal perspectiva como uma busca incessante pela audiência do público. Por isso, Marques (2020) utiliza da obra seminal de José Carlos Aronchi de Souza para ajudar a definir os gêneros e formatos do jornalismo esportivo, na qual o autor estabelece que: “O formato é o elemento fundamental para a classificação do gênero. Formato é a linguagem desenvolvida pela televisão para dar forma a um gênero de programa de televisão e transmiti-lo” (de Souza, 2004, p.183 apud Marques, 2020, p. 8692).

De acordo com Aronchi de Souza (2004), citado por Marques (2020), “os programas esportivos poderiam estar classificados na categoria informação, entretenimento ou educação” (Marques, 2020, p. 8684) e, por sua vez, as transmissões de eventos esportivos estariam classificadas como entretenimento. Por conta disso, “começa a ruir a teia segundo a qual transmissões esportivas estariam ou deveriam estar baseadas em conceitos estritamente jornalísticos, relacionados apenas à informação e à interpretação dos fatos” (Marques, 2020, p. 8684).

Tal conceito começa a ruir, como proposto pelo autor, devido à busca pela “espetacularização” do esporte, consequência direta do predomínio do polo “comercial” ou “econômico” proposto por Traquina (2006), impulsionado pela lógica capitalista. Daí, então, a necessidade de buscar elementos que tornem as transmissões em “shows”, como, por exemplo, a utilização de ex-atletas como comentaristas. A forte memória do “ídolo” ou “herói” na mente do torcedor, favorece a aproximação do público, que quer ver e ouvir estas figuras durante as transmissões. Este movimento demonstra que essa escolha não é apenas justificável do ponto de vista da decodificação do esporte e do enriquecimento do debate, mas também uma estratégia comercial de atração de público e audiência, indispensável para a sobrevivência e boa manutenção das emissoras de televisão e, mais recentemente, das plataformas de streaming.

3.2 A sociedade mercadológica e a *standupização* do jornalismo esportivo

Junto com o movimento de escolha de ex-atletas como comentaristas, fruto da espetacularização do esporte, surgem outras consequências que se relacionam diretamente com a temática e expõem as dinâmicas das transmissões esportivas modernas.

Como fruto da espetacularização, as transmissões esportivas têm se distanciado cada vez mais de um formato jornalístico e adquirindo um caráter de entretenimento. Os efeitos desse movimento não param apenas na predominância de atletas nas telas durante as transmissões, mas se perpetuam na linguagem, agentes envolvidos, dinâmicas entre as equipes etc.

E, nesses casos, os interesses das emissoras, muitas vezes passam a estar alinhados com os dos torneios esportivos que transmitem, como aborda Coelho:

Que a Globo comprou os direitos e que isso lhe dá direito exclusivo de mostrar as partidas na íntegra, não há dúvida. A questão é tolher o jornalismo, castrar o direito à informação do resto dos espectadores exclusivamente por ter feito opção de compra dos direitos de transmissão do evento (Coelho, 2003, p. 66).

Assim como Coelho, Marques (2015) também destaca que as emissoras e as federações, confederações e associações esportivas se tornam parceiras por meio dos contratos dos direitos de transmissão, que culminam num “tratamento diferenciado”, muitas vezes deixando de lado jornalístico crítico, preocupado com a transmissão dos fatos. Um exemplo prático da definição dos dois polos dominantes no campo jornalístico moderno propostos por Traquina (2005), o polo “econômico” ou “comercial” e o polo “ideológico” ou “intelectual”, mencionados anteriormente:

Nesse modelo de “sociedade mercadológica”, é natural que partidas e jogos tenham um tratamento diferenciado, por meio de um olhar mais eufórico do que disfórico. Persiste, assim, uma forte bonomia dos canais de televisão ao noticiarem a sequência dos torneios sobre os quais fazem cobertura: pouco se comentam os desmandos de dirigentes, a manipulação de resultados, a má organização desportiva, as improbidades administrativas, o mau uso de recursos públicos etc. Os interesses financeiros das empresas de comunicação coadunam-se com os das entidades esportivas e anunciantes (Marques, 2015, p. 220).

É importante destacar, logo de início, que tal fenômeno impacta diretamente na linguagem das transmissões esportivas, cada vez mais alinhadas com o polo comercial proposto por Traquina. Para efeito de demonstração, Barbeiro e Rangel

(2006) citam o narrador, que fazia parte do espetáculo que estava por vir e contribuía para a inserção de uma abordagem que seguiria os interesses da emissora:

O narrador de outrora não se limitava a acompanhar os eventos, tinha de fazer parte deles. Considerava-se personagem da ação que se desenrolava, quer fosse em um campo de futebol, em uma quadra de vôlei ou em um ringue de boxe. Sem ele o espetáculo não existia e as cortinas não se abriam, logo estava incompleto (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 64).

Posto que as emissoras têm o compromisso de garantir a imagem positiva e, mais precisamente, o êxito financeiro dos eventos esportivos pelos quais elas pagaram pelos direitos de transmissão, nota-se, mais uma vez, a necessidade da espetacularização. Enquanto são deixadas de lado pautas críticas, o show é valorizado. Para isso, são utilizados os comentaristas com forte apelo popular para atuar nas transmissões. Muitas vezes, agentes sem qualificação profissional na comunicação.

Ainda sobre a linguagem, Marques (2017), demonstra que a busca pela audiência forçou as emissoras a apostarem em agentes de caráter “animador-comediante”. Estes agentes utilizam do riso e da descontração como principal artifício para as transmissões. Esse é um dos principais movimentos da imprensa esportiva brasileira no Brasil nos últimos anos e que demonstra um sucesso em números de audiência. A alteração na linguagem acaba por atrair o público, como explica Marques:

O linguajar diferente dos comunicadores esportivos teria como pretensão fugir ao registro linguístico mais convencional, de modo a imprimir à expressão verbal um significado conotativo, na busca de maior audiência (Marques, 2017, p. 95).

Vale lembrar que, desde o início da cobertura esportiva no Brasil, o jornalismo esportivo tem sido tratado como menos importante do que outras áreas da comunicação. Nas origens da cobertura, os cronistas sequer recebiam para escrever nos jornais da época e o jornalismo esportivo se tornava um “assunto menor”. Como descreve Coelho:

Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia (Coelho, 2003, p. 7).

Sendo menos importante, relevante ou com menos poder de influenciar diretamente no dia a dia do brasileiro, o esporte abriu a oportunidade de ser

abordado com leveza desde o início de sua cobertura. Marques (2020) recorda que riso e o humor sempre foram elementos fundamentais nas transmissões esportivas, tanto no rádio quanto na televisão. Locutores de rádio se destacaram por criar bordões, slogans e frases de efeito que traziam um tom divertido às narrações. Os jornais esportivos também incorporaram essa característica ao usar manchetes provocativas e personagens estereotipados para atrair o público.

Graças a esse movimento de descontração, a televisão tem buscado afastar o jornalista esportivo da imagem de um profissional sério e formal, para a imagem de alguém mais parecido com o telespectador que acompanha e se interessa pelo esporte.

Esse movimento influenciou diversas esferas da mídia esportiva. Hoje, os apresentadores atualizaram sua vestimenta e sua linguagem para algo mais informal, se apoiando no humor como ferramenta de engajamento: “o apresentador do programa esportivo procura assumir também o papel do amigo de todos nós, e por isso estabelece um grau de intimidade e de informalidade incomuns” (Marques, 2020, p. 8669).

Dessa forma, junto às transformações na vestimenta, roteiros e linguagens da cobertura jornalística, abre-se espaço para novas abordagens e, com isso, novos personagens nas transmissões esportivas. Além da escolha de ex-atletas pelo seu entendimento técnico e tático dos esportes, fica claro que a escolha por parte das emissoras por esses personagens também passa pela sua popularidade e apelo para com o público.

Durante as transmissões das Olimpíadas de Paris, em 2024, na modalidade do basquete masculino, o comentarista da CazéTV foi Felipe Motta, atual ala da equipe de basquete do Botafogo, mas também influencer com mais de 3 milhões de seguidores, somando as redes sociais Tik Tok e Instagram. Felipe, além de atleta, também é criador de conteúdo e, muitas vezes, mais reconhecido por isso do que de fato pelas conquistas no basquete. A própria CazéTV é um exemplo claro da espetacularização e do uso do humor e do riso como ferramenta de conquista de audiência. Mais à frente, na seção 4.3, esse exemplo será retomado, visto que a CazéTV teve transmissões investigadas neste trabalho e serve como um bom caso de demonstração das transformações na maneira de se transmitir e consumir eventos esportivos.

Nas transmissões de basquete masculino analisadas, na seção 4.4.2.1 até a seção 4.4.2.3 foi possível verificar todos os agentes da transmissão confortáveis em utilizar uma linguagem coloquial e despojada, tornando as transmissões mais próximas do entretenimento. O atleta Marquinhos empregava suas falas muito de uma linguagem adequada e utilizada pelos jogadores em quadra, treinos e adotada pelo público mais descontraído e identificado com a *standupização*.

Para trazer ainda mais sentido ao termo *standupização*, Marques (2020) destaca que os programas esportivos passaram a valorizar a figura do jornalista de pé, livre para circular pelo cenário e se expressar de maneira mais espontânea, sem depender da leitura rígida de um teleprompter. O cenário, que integra telas, monitores e gráficos, é utilizado como um espaço interativo, quase como um *playground*, contribuindo para criar um ambiente lúdico que mistura informação e entretenimento de forma mais acessível e divertida.

3.3 A especialização esportiva

Dessa forma, é possível compreender as novas tendências e mecanismos da mídia televisiva na busca por audiência. Entretanto, Marques (2020) destaca outro lado dessa moeda, revelando que a presença de ex-atletas é fruto não apenas da busca incessante por audiência, mas também da falta de profissionais de jornalismo capacitados para cobrir outros eventos além do futebol, principalmente em Olimpíadas:

Quase sempre reféns da monocultura esportiva em torno do futebol, os canais ressentem-se da ausência de maiores competências esportivas entre jornalistas e comunicadores, o que faz com que em muitas ocasiões falte uma atuação mais pedagógica no caso de modalidades pouco frequentes nas telas de TV – ou que ganham protagonismo apenas em épocas de Olimpíada (Marques, 2020, p. 8743).

Dessa forma, destaca-se a relevância da especialização no jornalismo esportivo. Embora existam profissionais qualificados no mercado, preparados tecnicamente para exercer a função de comentarista, a lógica da espetacularização acaba por marginalizá-los. Isso ocorre porque esses profissionais, apesar de sua formação e competência, não despertam o mesmo apelo emocional e engajamento do público que figuras como ex-atletas reconhecidos internacionalmente e com ampla presença nas redes sociais.

Coelho (2003) destaca a capacidade discursiva do jornalista em detrimento da figura do comentarista com histórico no esporte, demonstrando a necessidade, mais uma vez, da especialização para a boa manutenção da transmissão esportiva:

Despreza-se muito o conhecimento teórico adquirido por jornalistas. E o exercício do jornalismo vira atividade técnica pura e simples. O comentarista de televisão é geralmente alguém com história dentro do esporte. E não importa que o repórter não consiga formular uma pergunta mais nobre do que “e aí?”. É como se o jornalismo fosse apenas a capacidade de apurar informação. E não precisasse transmitir informação ao receptor com qualidade (Coelho, 2003, p. 53).

Dáí, a necessidade da especialização no esporte, principalmente nas modalidades que não estão todo dia na tela do brasileiro. Coelho (2003) demonstra que, apesar de parecer uma escolha ingrata para o jornalista esportivo, a cobertura de esportes olímpicos devolve a perseverança deste profissional ao longo dos anos, permitindo-o que se tornem valiosos em anos olímpicos, visto a escassez de especialistas no mercado:

Especializar-se nunca é demais. A questão, quando se trata de esportes olímpicos de pouca divulgação no Brasil, é saber esperar pela hora certa de o trabalho aparecer. Pode durar anos. Pode nunca se concretizar. Por isso, é tanto melhor saber por que a escolha recai sobre essa ou aquela modalidade. Os apaixonados pelos esportes escolhidos sempre agradecerão (Coelho, 2003, p. 51).

Por isso, a tendência dos profissionais recém-formados é de seguir a monocultura do futebol. Retomemos o início da imprensa esportiva mais uma vez, que surgiu de forma amadora no Brasil e sem especialização no início do século XX, quando o esporte ocupava apenas um espaço marginal nos principais diários brasileiros. Como aponta Marques (2020), e como já foi trazido no presente trabalho, o esporte e o jornalismo esportivo eram vistos como atividades menores, sendo o trabalho dos cronistas muitas vezes exercido de forma voluntária ou como “bico” por profissionais que acumulavam funções em outras áreas, como jornalismo policial, teatro e política. Essa falta de especialização resultava em textos carregados de clubismo, regionalismo e paixão partidária, distantes do rigor jornalístico.

A popularização do esporte, em especial do futebol, levou a uma crescente profissionalização do jornalismo esportivo ao longo do século XX, especialmente após o tricampeonato mundial de futebol conquistado pelo Brasil em 1970. A partir desse momento, os principais jornais do eixo Rio-São Paulo começaram a dedicar mais espaço à cobertura esportiva, impulsionados pelo interesse público e pelos grandes patrocínios envolvidos nas transmissões televisivas. Segundo Marques

(2020), esse processo foi intensificado pela necessidade dos jornais impressos de se reinventarem diante da onipresença da televisão.

Mesmo com o crescimento do jornalismo esportivo, persistiram problemas estruturais herdados de suas origens amadoras. A crítica de Umberto Eco sobre a imprensa esportiva como a “negação de todo discurso” é reforçada por Marques (2020), que descreve a precariedade da especialização e a continuidade do tratamento passional e clubístico dos eventos esportivos. Daí, a abertura de oportunidades das emissoras para ex-esportistas e figuras populares.

Coelho (2003) reforça essa crítica ao destacar que a formação do jornalista especializado é algo recente, ainda restrito às emissoras de televisão a cabo. Para ele, a combinação ideal seria a união entre criatividade e conhecimento especializado, algo difícil de alcançar na prática:

Se o único motivo capaz de despertar interesse no espectador é o comentarista ter sido jogador de futebol, é bom que esse fato seja de domínio geral do público. Para as gerações mais jovens, isso pode passar totalmente despercebido. Como em qualquer outro setor, é preciso atualização constante. Não basta ter vivido o mundo do futebol. É preciso continuar a vivê-lo dia após dia. Até aqui, as emissoras de televisão a cabo foram as únicas a investir na formação do jornalista especializado. No passado, eu costumava acompanhar partidas de futebol com comentaristas que não sabiam nada do que estava acontecendo. Hoje em dia, isso já mudou um pouco de figura. E cada dia mais a coisa vai melhorar (Coelho, 2003).

3.4 A torcida pelo time Brasil

Para finalizar a fundamentação teórica que sustentará a análise das transmissões das Olimpíadas, é necessário destacar um último, porém não menos importante, ponto a respeito do comportamento da mídia durante as transmissões esportivas em qualquer competição esportiva que envolve brasileiros. Marques (2017) nota mais uma tendência a ser observada devido ao seu impacto na qualidade da transmissão esportiva jornalística nas Olimpíadas e outras competições em que o Brasil participa: “o predomínio de tom exageradamente ufanista e emotivo na cobertura e nas transmissões das provas em que havia atletas brasileiros na disputa” (Marques, 2017, p. 96).

Esse fenômeno é visível na priorização quase exclusiva do “Time Brasil” (os atletas, de diferentes categorias e modalidades, que disputam a competição) durante os Jogos Olímpicos, enquanto o sucesso de seleções rivais é quase comemorado por parte da mídia:

A atenção das emissoras para atletas e times nacionais, assim, depende de suas possibilidades competitivas. Desse modo, a participação vitoriosa dos brasileiros acaba por contagiar o trabalho da mídia, provocando o surgimento de inúmeras matérias e reportagens que tentam seduzir o telespectador a envolver-se na torcida por determinado atleta (como vimos, em dezembro de 2014, com o aparecimento do surfe nas telas de nossos canais, em função do título mundial na modalidade obtido por Gabriel Medina) (Marques, 2020, p. 8752).

Esse enfoque emotivo e patriótico, como aponta o jornalista Maurício Stycer (2016), comentarista e blogueiro do *Portal UOL* (Universo On Line) e especialista em discutir o esporte e a televisão e recordado por Marques (2017), é parte do chamado “jornalismo esportivo fofo”, cuja prioridade é emocionar o público a qualquer custo, com foco na forma sobre o conteúdo e na ausência de um caráter jornalístico real. Stycer critica a abordagem da série “Perfis Olímpicos”, exibida pelo Jornal Nacional, e que dava destaque para a história dos atletas brasileiros, mas que ignorou sinais evidentes de que alguns atletas brasileiros não estavam em condições ideais para conquistar medalhas:

E tome choro de pai e mãe, muita emoção (“TV é emoção”), etc. Tocar em assuntos espinhosos, como doping, assédio sexual, fraude nas obras olímpicas, dinheiro mal gasto no esporte? Jamais. Isso, sim, daria trabalho (Stycer, 2016).

A busca por audiência e o desejo de conquistar o público levam à construção de narrativas apelativas e emocionais, associadas à presença cada vez mais constante de celebridades e subcelebridades. Marques (2024) recorda a classificação desses agentes por Bourdieu (1997) como *fast-thinkers*. Esses convidados oferecem comentários superficiais, que se aproximam do conceito de fast-food cultural, em que a velocidade do pensamento prevalece sobre a profundidade e a reflexão.

Marques (2024) cita a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, como exemplo. O evento foi marcado por diversas polêmicas que mereciam uma cobertura mais aprofundada por parte da mídia, especialmente em razão das graves denúncias de violações de direitos humanos e questões éticas relacionadas à escolha do país como sede do evento. No entanto, muitos desses temas foram abordados de maneira superficial, com foco predominante na celebração esportiva e no espetáculo midiático, em detrimento de uma discussão crítica e abrangente.

Desde que o Catar foi escolhido como sede da Copa do Mundo, em 2010, surgiram fortes suspeitas de corrupção e compra de votos na FIFA, fato amplamente discutido por veículos como *The Guardian* (2022) e *The New York Times* (2022).

Essas alegações apontavam para um esquema sistemático de pagamento de propinas envolvendo dirigentes da entidade máxima do futebol (*The Guardian*, 2020), o que, por si só, já exigia um debate mais aprofundado sobre os interesses econômicos e políticos que influenciam a escolha das sedes dos grandes eventos esportivos.

Outro ponto que merecia maior atenção da mídia internacional e brasileira dizia respeito às denúncias de violações dos direitos humanos no Catar. Relatórios de organizações como Anistia Internacional e Human Rights Watch denunciaram o uso de mão de obra análoga à escravidão e as condições degradantes impostas a trabalhadores migrantes que atuavam na construção dos estádios e outras infraestruturas necessárias para o evento. Estimativas sugeriam que centenas de trabalhadores teriam morrido em decorrência dessas condições desumanas (*El País*, 2022; *BBC News Brasil*, 2022).

E não para por aí: o Catar enfrentou críticas severas por suas leis que criminalizam a homossexualidade e por sua postura repressiva em relação aos direitos LGBTQIA+. Durante a Copa do Mundo, diversos grupos de direitos humanos alertaram para os riscos enfrentados por torcedores e jornalistas que eventualmente manifestassem apoio a essas comunidades, bem como pela repressão sistemática da liberdade de expressão (CNN Brasil, 2021; Folha de S.Paulo, 2022).

Apesar de todos esses aspectos relevantes, a cobertura midiática optou, em grande parte, por evitar debates aprofundados sobre esses temas. Afinal, por que a mídia brasileira discutiria temas que poderiam repercutir de maneira negativa, influenciando o sucesso da competição da qual havia adquirido os direitos de transmissão? Como aponta Marques (2024), “as televisões não se furtaram a veicular uma reportagem aqui ou ali, mas optaram sistematicamente por um silenciamento programático em torno da inserção desses temas junto à opinião pública”.

Para finalizar, Marques (2024) estabelece um contraponto ao conceito de *fast-thinkers*, trazendo a figura dos *low-thinkers* — pessoas da academia e especialistas que, em outras áreas (como saúde, política e economia), são regularmente chamados para opinar na mídia. Entretanto, no esporte, a prioridade é dada a personalidades midiáticas sem real embasamento técnico ou intelectual. Para melhor elucidar:

Apenas para buscar exemplos bem recentes: aquando da pandemia global de Covid-19, que assolou o planeta entre 2020 e 2023, quem era convidado por emissoras de televisão para comentar o fenômeno, para além dos jornalistas e articulistas do canal? Pois bem, havia a forte presença de profissionais da área médica, mas, de maneira notável, também a presença de cientistas e pessoas da universidade, todas envolvidas em pesquisas e investigações acadêmicas (para brincar com os fast-thinkers de Bourdieu, vamos atribuir a essas pessoas a denominação de low-thinkers) (Marques, 2024, p. 230-231).

Isto posto, é possível compreender como a mídia esportiva brasileira busca, prioritariamente, a espetacularização dos eventos esportivos por meio do exagero, da emoção, do riso e da descontração. Esse movimento é influenciado, principalmente, pela conquista de audiência. Assim, a utilização de figuras como ex-atletas enquanto comentaristas das transmissões estão alinhadas a esse objetivo, buscando aproximar o público através do apelo emotivo possibilitado pelo esporte e incentivado pela mídia. Ainda que a escolha da utilização desses agentes esteja “disfarçada” de uma premissa que buscaria enriquecer o debate esportivo, fica claro que este movimento tem um objetivo principal.

Em contraponto, não é de todo mal a presença dos ex-atletas nas transmissões. Esta pesquisa também demonstra como, muitas vezes, esses agentes contribuem de fato com a transmissão da informação. Mas, é importante destacar que esta presença suprimiu a participação de jornalistas nas transmissões esportivas, graças ao sucesso ao longo dos anos conquistado pelo formato de espetacularização proposto pelas emissoras.

4. CRONOGRAMAS E ANÁLISES DAS TRANSMISSÕES

O capítulo 4 concentra o núcleo empírico deste trabalho, apresentando o trajeto metodológico, o panorama das emissoras escolhidas e a sistematização dos dados coletados. O capítulo inicia com a seção 4.1 – Metodologia, onde são expostos os procedimentos adotados, a abordagem qualitativa escolhida, as categorias de avaliação utilizadas nas análises e a forma como os dados foram organizados. Em seguida, nos subcapítulos 4.2 e 4.3, são apresentados os contextos institucionais e editoriais das emissoras TV Globo e CazéTV, respectivamente, a fim de situar o leitor sobre o histórico, as características e as estratégias comunicacionais de cada veículo na cobertura dos Jogos Olímpicos de Paris 2024. Essa contextualização é fundamental para compreender os elementos simbólicos e estruturais que influenciam diretamente as transmissões observadas.

Na sequência, o capítulo apresenta as tabelas com os cronogramas de transmissões por modalidade – futebol feminino, basquete masculino e skate street – contendo informações como data, horário, canal de exibição, adversários e composição das equipes de transmissão. Logo após cada tabela, são desenvolvidas relatórios qualitativos individuais para cada uma das transmissões, com base nas categorias estabelecidas anteriormente. Neles, são registrados comentários relevantes, críticas e momentos-chave relacionados à participação de ex-atletas nas transmissões, considerando aspectos como linguagem, domínio técnico, construção da narrativa jornalística e presença de elementos de espetacularização. Ao final de cada conjunto de observações, uma conclusão interpretativa sintetiza os principais achados, articulando os dados verificados à fundamentação teórica discutida ao longo do trabalho.

4.1 METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar e entender o movimento de espetacularização das transmissões esportivas, impulsionado pela busca por audiência, resultado da mercantilização da informação proposto por autores já referenciados neste trabalho, elucidado por Guy Debord (1997):

O espetáculo na sociedade representa concretamente uma fabricação de alienação. A expansão econômica é principalmente a expansão da produção industrial. O crescimento econômico, que cresce para si mesmo,

não é outra coisa senão a alienação que constitui seu núcleo original.” (Debord, 1997, p. 26-27).

Durante as transmissões, esse movimento pode ser observado na presença de ex-atletas e atletas nas transmissões esportivas, atuando como comentaristas. A participação desses agentes será investigada a partir das reflexões dos autores já referenciados, que notaram os mecanismos da mídia esportiva se perpetuando em movimentos como a escolha dos ex-esportistas nas transmissões.

O método utilizado neste trabalho é de base qualitativa, com foco na observação sistemática e na interpretação descritiva e crítica. A escolha por essa abordagem se justifica pela natureza da investigação, que busca compreender práticas discursivas, escolhas editoriais e elementos simbólicos presentes nas transmissões investigadas.

Para isso, a presença, linguagem, preparo para as transmissões, conhecimento acerca do esporte e das narrativas construídas, momentos em que são chamados a opinar acerca das competições, além das participações e omissões em momentos importantes serão sistematizadas, de forma a compreender o impacto dos atletas e ex-atletas na qualidade dessas transmissões e como isso influencia na prática jornalística dos dias atuais.

Entre os procedimentos adotados para a investigação estão a observação direta das transmissões, a sistematização dos dados em tabelas específicas para cada modalidade e o registro de momentos considerados relevantes para a verificação crítica dos resultados, conforme os objetivos estabelecidos pela pesquisa. As transmissões escolhidas foram das modalidades de futebol feminino, basquete masculino e skate street feminino e masculino.

O futebol feminino foi escolhido como uma das modalidades por se tratar do esporte mais popular no Brasil e, por conta disso, já existem vícios na cobertura futebolística propagados pela imprensa esportiva brasileira. Com isso, será possível verificar como a fundamentação teórica proposta no trabalho se perpetua ao longo das transmissões. Ademais, ainda que se trate da modalidade mais popular no país, o futebol masculino não se classificou para participar da edição olímpica em questão. A possibilidade de cobrir a equipe feminina de futebol abre uma nova perspectiva de compreensão, visto que não se trata de uma cobertura tão convencional quanto a masculina seria. Isto posto, a presença do ex-atleta presente nas transmissões do SporTV, Paulo Nunes, poderá ser observada diante dessa

ótica, visto que o comentarista se destacou na emissora por comentar futebol masculino, sua área de atuação quando era atleta profissional.

A escolha do basquete masculino se justifica por sua longa trajetória de transmissões no Brasil, tanto na TV aberta quanto na fechada, o que o torna uma modalidade tradicional no repertório esportivo midiático brasileiro.

Já o skate street feminino foi escolhido por representar uma modalidade mais recente nas Olimpíadas e ainda emergente na grade esportiva da televisão brasileira. A escolha foi também influenciada pela figura de Rayssa Leal, fenômeno do skate nacional, cuja participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 gerou forte mobilização popular e intensa repercussão nas redes sociais. A comoção do público e os episódios de desrespeito com atletas estrangeiras, registrados online, evidenciam o impacto emocional das transmissões e levantam reflexões importantes sobre nacionalismo, torcida e o papel dos comentaristas na mediação desse discurso.

Tal comoção influenciou a mídia, movida pela lógica de espetacularização e emoção, que se manifestou quase que na mesma linha da torcida brasileira, demonstrando uma fragilidade nos princípios jornalísticos. Esse movimento faz parte do que Marques (2017) descreveu como o “o predomínio de tom exageradamente ufanista e emotivo na cobertura e nas transmissões das provas em que havia atletas brasileiros na disputa” (Marques, 2017, p. 96).

Isto posto, analisar as transmissões do skate street feminino é a oportunidade de investigar como a mídia reagiu a uma nova atuação de Rayssa Leal frente aos olhos do Brasil.

A principal maneira de realizar as análises foi através da plataforma Globoplay, que disponibilizou muitas das transmissões realizadas pelo SporTV, canal de esportes da TV fechada que pertence ao grupo Globo. As transmissões da TV aberta, realizadas no canal principal da TV Globo, não foram disponibilizadas na plataforma e, por conta disso, a escolha das transmissões feitas pelo SporTV.

Frente a isso, as partidas do basquete masculinos foram catalogadas através das transmissões realizadas pela CazéTV, disponíveis no Youtube. Essa foi uma importante oportunidade de investigar uma transmissão esportiva realizada por uma mídia online, mas que tem se tornando cada vez mais popular frente aos avanços tecnológicos e mudanças nos hábitos de consumo do público. A CazéTV, especificamente, ganhou notoriedade justamente por sua proposta de humor e de

espetacularização, que se alinham aos movimentos de standupização e “jornalismo fofo” propostos no presente trabalho a partir do capítulo 3 e que se distanciam das transmissões tradicionais que a Globo propõe, mas forçando a emissora a “imitar” cada vez mais a mídia online por meio dos movimentos citados. Na primeira partida do basquete masculino brasileiro nas olimpíadas, contra a França, não houve ex-esportistas na transmissão da Globo, por isso, essa cobertura também não foi abordada.

As categorias consideradas na avaliação foram: (1) composição da equipe de transmissão; (2) linguagem utilizada pelo comentarista; (3) domínio das regras e do contexto do esporte; (4) contribuição para a construção da narrativa jornalística; e (5) presença de emoções ou de humor nas falas e no formato da transmissão. Cada um desses elementos foi registrado, descrito e interpretado a partir do que se observou nos vídeos das partidas.

Dessa forma, a investigação ficou distribuída em: 6 partidas de futebol feminino transmitidas pelo SporTV, 3 partidas de basquete masculino (sendo duas transmitidas pela Cazé TV e 1 sendo transmitida pelo SporTV e disponibilizada no Globoplay) e 2 transmissões de skate do SporTV (as finais femininas e masculinas da modalidade street).

Quanto à organização das informações coletadas, foi elaborada uma tabela para cada uma das modalidades escolhidas. Cada uma dessas tabelas contém os seguintes dados: data e horário dos jogos, adversários (ou “evento”, como “Brasil x Japão”), canal utilizado para assistir à transmissão (SporTV ou CazéTV) e os nomes e funções dos integrantes da equipe de transmissão (narrador, comentarista, repórter etc.). Esses dados serviram como base para cruzamentos entre os elementos sistematizados e as categorias definidas anteriormente. As tabelas estão presentes nos itens 4.4.1 (Tabela 1 - Futebol Feminino), 4.4.2 (Tabela 2 - Basquete) e 4.4.3 (Tabela 3 - Skate).

Além disso, foram produzidas análises qualitativas individuais para cada uma das transmissões analisadas. Nelas, registraram-se os momentos mais relevantes para a discussão proposta por este trabalho, bem como observações críticas fundamentadas nas categorias de avaliação estabelecidas. Ao final de cada uma delas, foi elaborada uma conclusão interpretativa que sintetizou os principais pontos verificados e ofereceu uma reflexão sobre o papel dos ex-atletas ao longo daquela transmissão específica. As análises estão presentes logo após as tabelas com as

informações das transmissões nos itens 4.4.1.1 até 4.4.1.7 (Futebol Feminino), 4.4.2.1 até 4.4.2.4 (Basquete) e 4.4.3.1 até 4.4.3.3 (Skate).

A avaliação crítica de cada transmissão foi, portanto, orientada pelas categorias previamente delimitadas neste capítulo e ancorada nos conceitos discutidos ao longo da fundamentação teórica, de forma a garantir coerência metodológica e profundidade analítica às observações realizadas.

4.2 TV Globo

Nos anos 1970, a Globo já despontava como uma emissora de destaque, especialmente com as transmissões ao vivo da Copa do Mundo de 1970, que contaram com uma audiência inédita de 700 milhões de pessoas. Segundo Ribeiro (2007), na década de 1980, o cenário competitivo das transmissões esportivas se intensificou, mas a Globo conseguiu se destacar ao contratar grandes profissionais e adquirir direitos exclusivos de transmissão de eventos importantes como a Copa do Mundo de 1982.

A criação da Globosat em 1991 e, posteriormente, do canal Sportv, representou um marco importante na estrutura de cobertura esportiva do grupo. Esse período também coincidiu com um aumento no número de transmissões esportivas, ampliando o alcance da emissora sobre o público brasileiro (Ribeiro, 2007). De acordo com Marques (2017), a partir de 2014, a SporTV adotou um modelo que inclui um narrador, um comentarista jornalista e um comentarista ex-atleta, o que seria próximo do modelo ideal.

Em 2015, a Globo firmou um acordo com o Comitê Olímpico Internacional (COI) para a aquisição dos direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos no Brasil até 2032. Apesar dos valores não terem sido divulgados, a NBC, dos Estados Unidos, pagou US\$7,75 bilhões para ter exclusividade nos EUA até 2032 (Estadão, 2015).

Durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, a Globo enviou uma equipe de quase 400 profissionais para cobrir os jogos na França e no Taiti, onde ocorreram as competições de surfe. Além disso, a emissora arrecadou aproximadamente R\$500 milhões em patrocínios, o que evidencia a relevância comercial dos direitos de transmissão olímpicos (*Terra*, 2024).

A cobertura envolve uma equipe composta por 24 narradores — 19 no SporTV e cinco na TV Globo — e mais de 100 especialistas, incluindo jornalistas,

atletas em atividade e ex-atletas, totalizando mais de 30 medalhas olímpicas entre os comentaristas. Os principais narradores incluem nomes como Luis Roberto, Everaldo Marques, Milton Leite, Natalia Lara, Gustavo Villani, Renata Silveira, Rogério Correa, Paulo Andrade, Daniel Pereira, Júlio Oliveira, Sérgio Arenillas e Isabelly Moraes.

Entre os comentaristas esportistas e ex-esportistas, estão Cesar Cielo (natação), Nalbert, Daiane dos Santos (ginástica artística), Marcelinho Machado (basquete), Ágatha Bednarczuk (vôlei de praia), Arnaldo Oliveira (atletismo), Arthur Zanetti (ginástica artística), Bruno Schmidt (vôlei de praia), Bruno Soares (tênis), Daniele Hypólito (ginástica artística), Diego Hypolito (ginástica artística), Emanuel Rego (vôlei de praia), Fabiane Beltrame (remo), Fabiana Murer (atletismo), Fernanda Keller (triathlon), Hebert Conceição (Boxe), Henrique Avancini (ciclismo), Hugo Oyama (tênis de mesa), Joana Cortez (tênis), Joanna Maranhão (natação), Leandro Guilherme (judô), Luca Kamahara (tênis de mesa), Maria Suelen Altheman (judô), Nicholas Santos (natação), Paula Pequeno (vôlei), Poliana Okimoto (maratona aquática), Tiago Camilo (judô), Maria Clara Salgado (vôlei de praia), Bruno Fratus (natação), Acelino “Popó” Freitas (boxe), Evelyn dos Santos (atletismo), Ítalo Ferreira (surfe), Letícia Bufoni (skate), Keila Costa (atletismo), Marilson dos Santos (atletismo), Elianay Pereira (atletismo), Daniel Paoiola (badminton), Gabriel Alcântara (badminton), Marquinhos Vieira (basquete), Thaís Melo (breaking), Guto Campos (canoagem), Fernando Fernandes (canoagem de velocidade), Charles Côrrea (canoagem shalom), Gustavo Selbach (canoagem shalom), Renato Rezende (ciclismo BMX), Gideon Monteiro (ciclismo de estrada/pista), Edinho Santos (ciclismo freestyle), Thais Makino (escalada freestyle), Ana Beatriz Bulcão (esgrima), Fernando Scavasin (esgrima), Alline Calandrini (futebol), Paulo Nunes (futebol), Ramon Motta (futebol), Ricardinho (Futebol), Ramirez Pala (ginástica de trampolim), Mariana Aquino (ginástica de trampolim), Juliana Coradine (ginástica rítmica), Renata Teixeira (ginástica rítmica), Ana Amorim (handebol), Diogo Hubner (handebol), Daly Mesquita (handebol), Claudia Mesquita (hipismo), Fabricio Caldas (hipismo), Caio Carvalho (hipismo), Luiz Fernando Monzon (hipismo), Rosicleia Campos (judô), Humberto Panzetti (levantamento de peso), Lilliane Menezes (levantamento de peso), Aline Silva (luta olímpica), Antoine Jaoude (luta olímpica), Pedro Farias (polo aquático), Yane Marques (pentatlo moderno), Leticia Oliveira (rugby), Maurício Carli (rugby), Tammy Galera (saltos ornamentais), Violeta Reis

(saltos ornamentais), Eugenio Amaral (skate), Luizinho (skate), Alejo Muniz (surfe), Icaro Miguel (taekwondo), Talisca Reis (taekwondo), Domingos Venâncio (tênis), Ana Marcelle (tiro com arco), Jairo Rodrigo (tiro com arco), Roberto Schmits (tiro esportivo), Wissam Maalouf (tiro esportivo), Fabinho Carvalho (triathlon), Gabriela Nicolino (vela), Ricardo Baggio Kadu (vela), Fabi Alvim (vôlei), Marcos Freitas, Nalbert Bitencourt (vôlei), William Arjona (vôlei), Natália Zilio (vôlei), Maria Elisa Antonelli (vôlei de praia), Claudia Tinoco Soutinho (nado sincronizado), Leonardo Lemos (hóquei sobre a grama), Marcelus Marisli (remo) e Hortência (basquete).

Já para a equipe de jornalistas (apresentadores, repórteres e comentaristas), a Globo contou com Tadeu Schmidt, Marcelo Barreto, Pedro Bassan, Luiz Teixeira, Sergio Xavier, Pedro Maia, Ana Hissa, Daniel Fucs, Alexandre Lozetti, Ana Thais Matos, Carlos Eduardo Lino, Eric Faria, PC Vasconcelos, Renata Mendonça, Daniel Tanaka, Twila Cremona, Breno Dines, Bruno Bocayuva, Claudinha Gonçalves, entre outros.



Figura 1 – Equipe de transmissão da estreia da seleção brasileira de futebol feminino na TV Globo

Fonte: Reprodução/Instagram/@crisrozeira



Figura 2 – Uma parte da equipe que realizou a cobertura das Olimpíadas pela Globo: André Rizek, Everaldo Marques, Fernando Fernandes, Natália Lara, Fernanda Garay e Tadeu Schmidt.

Fonte: Reprodução/TV Globo

Com isso, observa-se que a Globo, mesmo mantendo uma estrutura tradicional de transmissão, incorporou uma diversidade significativa de vozes, com ênfase na presença de ex-atletas, por sua autoridade técnica mas principalmente pelo apelo junto ao público. A robustez da equipe, o investimento em cobertura in loco e a consolidação de sua posição como referência na cobertura olímpica reforçam o papel central da emissora na mediação das narrativas esportivas para o público brasileiro. Em contraste com esse modelo mais consolidado e tradicional, mas que também busca a espetacularização, o próximo item abordará a CazéTV, canal que vem se destacando justamente por adotar como sua principal proposta uma postura mais descontraída, digital e centrada no entretenimento.

4.3 CazéTV

A criação da CazéTV, em 2022, foi um verdadeiro fenômeno de inovação no mercado de transmissões esportivas e maneira de comunicar o esporte. Idealizada pelo streamer Casimiro Miguel, em parceria com a empresa de mídia LiveMode, a CazéTV se destacou de vez quando transmitiu jogos da Copa do Mundo do Qatar. A oportunidade surgiu quando a Globo perdeu parte da exclusividade dos direitos digitais do evento, permitindo que Casimiro transmitisse os jogos pelo YouTube, atraindo uma audiência massiva que chegou a 6,9 milhões de usuários simultâneos na transmissão de Brasil x Croácia na Copa do Mundo de 2022 (UOL, 2024).

Casimiro começou a graduação em Jornalismo, mas nunca terminou. Começou sua atuação como profissional na área no Esporte Interativo, emissora esportiva que hoje se tornou a TNT Sports, após ser comprada pelo grupo Warner Bros. Se tornou um fenômeno da internet quando, durante a pandemia da covid-19, passou a realizar transmissões ao vivo, as *lives*. O foco do influenciador sempre foi o entretenimento. E Casimiro transmitia suas reações aos melhores momentos de competições esportivas, *reality shows*, conteúdo de outros criadores do *Youtube*, além de transmitir suas *gameplays*. Seu carisma e linguagem inovadoras o aproximam do público jovem e o tornaram um dos *streamers* mais assistidos do *Youtube* e da *Twitch*. Ainda sim, graças ao seu passado no Esporte Interativo e seu amor pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, as aspirações de Casimiro sempre tiveram foco no esporte.

Após o sucesso durante o Mundial do Qatar, a CazéTV expandiu rapidamente suas operações, transmitindo eventos como o Mundial de Clubes, a Taça Rio, o Campeonato Carioca de 2023, partidas do Athletico-PR no Brasileirão e a Copa do Mundo Feminina. A abordagem mais descontraída e acessível do canal atraiu um público jovem que se distancia do modelo tradicional de transmissões, alinhando-se com o conceito de espetacularização como estratégia para aproximar o público e criar uma experiência personalizada por meio de linguagem, figuras como ex-esportistas e influencers presentes nas transmissões, vestimentas, cenários etc.

Outra grande conquista da CazéTV foi garantir os direitos de transmissão das Olimpíadas de Paris 2024 para as plataformas digitais. Esse acordo foi resultado do interesse do COI em expandir sua presença na internet, visando um público mais jovem e conectado. Ao todo, foram 42 milhões de espectadores, enquanto a TV

Globo alcançou 140,4 milhões de pessoas em seus canais, incluindo TV Globo, Sportv, Globoplay e Globo Esporte, números divulgados pelas próprias empresas. Até o momento desta pesquisa, conta com 18,3 milhões de inscritos no YouTube e 9,4 milhões de seguidores no Instagram.

Ainda assim, existe cautela por parte da Cazé TV para se posicionar como adversária da Globo. O canal entende que é como uma “extensão” das transmissões tradicionais, para o público que quiser acompanhar o esporte de maneira diferente e personalizada.

Com uma equipe formada por ex-atletas, influenciadores e jornalistas renomados, a CazéTV mistura entretenimento e informação esportiva de forma inédita. Patrocinadores importantes como Havaianas, iFood, Mercado Livre, Samsung e Volkswagen apostaram no canal, que continua a crescer e fortalecer sua posição no mercado das transmissões online.

Ainda que fenômeno, vale destacar que a descontração também tem limites: Durante a transmissão do programa Zona Olímpica da CazéTV, no dia 1º de agosto de 2024, o comentarista Guilherme Beltrão fez um comentário considerado inadequado sobre atletas do nado sincronizado, dizendo que eles vão às Olimpíadas para “comer gente”. Ao comentar as chances de medalha do Brasil, ele afirmou: “a Adenizia (jogadora de vôlei e comentarista do canal) é campeã olímpica, ela realmente importa para a competição. O camarada do nado sincronizado que não tem chance de medalhas tem que ir (para os Jogos Olímpicos) por 2 objetivos: se superar e comer gente”. O comentário gerou críticas nas redes sociais. Gabi Regly, atleta da seleção brasileira de nado sincronizado e medalhista nos Jogos Pan Americanos de Santiago em 2023, foi uma das primeiras a reagir, afirmando que se sentiu “extremamente triste e indignada com essa fala infeliz”.

Este é um caso que demonstra que, ainda que o esporte permita uma abordagem mais descontraída, é necessário sempre estar atento aos limites da comunicação. Desrespeitar o trabalho sério de preparação de um atleta olímpico vai contra a ética profissional de um jornalista, profissão que Beltrão é por formação, com mais de 10 anos de Esporte Interativo antes de migrar para a CazéTV. Como demonstram Marques:

Quando o principal objetivo de um produto televisivo é buscar a audiência por meio do humor e do riso, corre-se o risco de não haver graça alguma no resultado final. O risco de ultrapassar os limites do bom senso e da boa educação é enorme, e não raro a TV brasileira vem roçando o mau gosto e

o grotesco na caricaturização do tratamento concedido ao esporte (Marques, 2020, p. 8675).

A espetacularização na CazéTV também pode ser observada quanto às equipes de transmissão escolhidas para a cobertura das olimpíadas de 2024. Para os jogos em Paris, a CazéTV montou uma equipe diversificada, composta por narradores, comentaristas e repórteres, totalizando cerca de 78 profissionais. Os principais narradores foram Rômulo Mendonça, Luis Felipe Freitas, Raony Pacheco, Marcelo Hazan e Letícia Macedo. Já os ex-atletas que atuaram como comentaristas foram Serginho (vôlei), Janeth (basquete), Laís Souza (ginástica), Alison Mamute (vôlei de praia), Rosângela Santos (atletismo), Pedro Scooby (surfe), Flávio Canto (judô) e Adenízia (vôlei). Para finalizar, a equipe ainda contou com os jornalistas Guilherme Beltrão, Fernanda Gentil (ex-globo), Isabela Pagliari, João Barreto, Bruna Dealtry e Day Natale, Ricardo Bugarelli e outros. Ainda teve espaço para influencers e comediantes como Diogo Defante, Fê Medeiros e Dan Lessa. Essa equipe foi responsável por mais de 500 horas de transmissão, operando em três estúdios no Brasil e uma estrutura montada em Paris.



Figura 3 – Alguns dos narradores e comentaristas contratados pela CazéTV para as transmissões.

Fonte: Reprodução/Instagram/@CazeTV

A partir da verificação do perfil editorial e das estratégias adotadas pela CazéTV, é possível perceber que o canal prioriza visivelmente o espetáculo, a

leveza e o caráter emotivo das transmissões em detrimento de uma abordagem jornalística mais tradicional. A presença de influenciadores, humoristas e ex-atletas sem formação específica em comunicação revela uma aposta clara na conexão afetiva com o público e na viralização de conteúdos. Tal escolha, embora inovadora, também impõe desafios importantes à qualidade da informação transmitida. Na próxima seção, serão apresentadas as análises das transmissões esportivas realizadas por ambas as emissoras nas modalidades selecionadas, com foco nos efeitos dessa lógica de espetacularização sobre o papel dos comentaristas, em especial os ex-atletas.

4.4 ANÁLISES DAS TRANSMISSÕES

As análises foram realizadas a partir das categorias estabelecidas na metodologia, com foco na atuação dos ex-atletas como comentaristas e nos elementos que compõem a espetacularização das coberturas, também elucidados na fundamentação teórica. O objetivo desta seção é verificar, na prática, como as emissoras organizam suas transmissões, além de sistematizar e entender quais efeitos essas escolhas produzem na qualidade da informação esportiva, influenciados pela espetacularização. Cada modalidade será tratada individualmente, com a apresentação de uma tabela contendo os dados organizados das transmissões (data, adversário, canal e equipe de transmissão) seguida dos relatos críticos elaborados a partir da observação direta de cada transmissão. nos itens 4.4.1.1 até 4.4.1.7 (Futebol Feminino), 4.4.2.1 até 4.4.2.4 (Basquete) e 4.4.3.1 até 4.4.3.3 (Skate). Estas observações têm como base os fundamentos teóricos discutidos ao longo deste trabalho e visam verificar os impactos desse novo perfil de comentaristas no jornalismo esportivo contemporâneo.

4.4.1 FUTEBOL FEMININO

O futebol feminino foi a primeira modalidade analisada nesta pesquisa. Por ser o esporte mais popular do país e, ao mesmo tempo, historicamente marginalizado em relação ao futebol masculino, sua cobertura oferece um campo fértil para refletir sobre os vícios da imprensa esportiva tradicional e a maneira como ex-atletas são inseridos nesse contexto. As transmissões analisadas foram realizadas pelo canal SporTV, braço esportivo do grupo Globo, e contaram com a presença do ex-jogador Paulo Nunes como comentarista fixo. A tabela a seguir organiza os dados essenciais

de cada jogo catalogado, seguida dos relatos qualitativos que observam o desempenho dos profissionais envolvidos, as escolhas editoriais e os elementos de espetacularização presentes nas transmissões.

Tabela 1 - Futebol feminino

Fase de grupos			
Data/horário	Evento	Canal	Equipe de transmissão
25/07 - 09:00	Brasil x Nigéria	SporTV	Renata Silveira (Narradora) Paulo Nunes (ex-atleta e comentarista) Renata Mendonça (comentarista)
28/07 - 12:00	Brasil x Japão	SporTV	Renata Silveira (Narradora) Paulo Nunes (ex-atleta e comentarista) Renata Mendonça (comentarista)
31/07 - 12:00	Brasil x Espanha	SporTV	Paulo Andrade (narrador) Paulo Nunes (ex-atleta e comentarista) Renata Mendonça (comentarista)
03/08 - 16:00	Brasil x França	SporTV	Renata Silveira (Narradora)

			Paulo Nunes (ex-atleta e comentarista) Renata Mendonça (comentarista)
06/08 - 16:00	Brasil x Espanha	SporTV	Renata Silveira (Narradora) Paulo Nunes (ex-atleta e comentarista) Renata Mendonça (comentarista)
10/08 - 12:00	Brasil x EUA	SporTV	Renata Silveira (Narradora) Paulo Nunes (ex-atleta e comentarista) Renata Mendonça (comentarista)

Fonte: Globo Esporte e Globoplay

Crédito: Elaborado pelo autor

A tabela organiza os principais dados das transmissões analisadas, como datas, equipes e participantes. Ela permite sistematizar informações e padrões, como a formação recorrente de uma equipe “titular”, composta por Renata Silveira, Paulo Nunes e Renata Mendonça. Esses dados servem de base para os relatórios a seguir, que investigam o papel dos comentaristas — especialmente dos ex-atletas — a partir das categorias definidas na metodologia e da fundamentação teórica do trabalho.

4.4.1.1 Brasil x Nigéria:

A primeira transmissão analisada foi do segundo jogo do grupo C do futebol feminino, realizado pelo SporTV no dia 25 de julho de 2024, às 9 horas da manhã, entre a seleção brasileira e a seleção nigeriana. A partida acabou com o resultado em 1x0, favorável ao Brasil, com gol de Gabi Nunes. A equipe escalada pelo SporTV para a transmissão teve a narradora Renata Silveira, formada em Educação Física e com pós-graduação na área de comunicação (que acabou sendo o pontapé de sua carreira como narradora), a comentarista e jornalista Renata Mendonça e o ex-jogador profissional de futebol Paulo Nunes. Paulo Nunes será o principal objeto de observação desta transmissão.

Paulo Nunes foi jogador profissional de futebol dos anos 1990 a 2003. Teve destaque em grandes clubes brasileiros, como Flamengo, Grêmio e Palmeiras, além de duas partidas na seleção principal do Brasil. Paulo sempre foi uma figura do futebol brasileiro, tanto pela sua relevância dentro do cenário do futebol nacional, quanto por seu carisma.

Paulo Nunes foi contratado pela Globo em 2018 como comentarista, para atuar, principalmente, nas transmissões dos canais SporTV. Desde então, o ex-jogador se tornou um dos principais comentaristas da emissora. Durante a transmissão de Brasil e Nigéria, Nunes destacou pontos importantes da narrativa da partida, como as possíveis saídas que a seleção brasileira poderia encontrar para se impor na partida (Nunes, 2024). A premissa comum para a imprensa esportiva é de que a seleção brasileira de futebol sempre entre como favorita, independente do adversário. Premissa, essa, que muitas vezes acaba sendo equivocada e que expõe a falta de estudo, principalmente dos ex-atletas, acerca do adversário, ocasionando comentários infundamentados e que reforçam a necessidade do apelo emotivo para garantir o engajamento do público. Por vezes, acaba sendo mais importante destacar que a equipe brasileira se comportou mal, do que dar os méritos ao adversário. Afinal, o ex-atleta já esteve no palco do espetáculo e, por conta disso, sabe qual seria o comportamento ou estratégia que deveria ter sido adotada.

Logo de início, nota-se a “torcida brasileira”, proposta por Marques (2017; 2020 e 2024). Em competições internacionais, as transmissões se tornam “subordinadas” das campanhas brasileiras, tendo sua atenção voltada para as chances de sucesso dos atletas e equipes nacionais. No futebol, essa questão se

torna ainda mais latente, por ser o esporte mais popular no país:

Quando deparamos com competições internacionais, como uma Copa do Mundo de futebol, a cobertura torna-se diretamente subordinada à campanha da equipe brasileira ali representada. A atenção das emissoras para atletas e times nacionais, assim, depende de suas possibilidades competitivas (Marques, 2020, pág. 8735).

A experiência de Paulo Ihe concede uma leitura especializada acerca da dinâmica do jogo e das jogadas, permitindo comentários pontuais, como a necessidade de dinamicidade e velocidade na transição entre meio-campo e ataque do Brasil (Nunes, 2024). Apesar de isso ter sido uma necessidade na ocasião, a vitória de qualquer time em uma partida de futebol exige essas características, expondo a falta de repertório do comentarista, que tinha muita dificuldade de encontrar pontuações além do senso comum.

Por isso, pode-se dizer que Paulo Nunes não errou em nenhum de seus comentários e leituras acerca do jogo. Contudo, também se entende que estas leituras não foram tão aprofundadas e nem concederam informações acerca das personagens envolvidas na disputa, tanto do lado brasileiro quanto nigeriano, muito menos do contexto e histórico das duas equipes. Dessa forma, nota-se que a preocupação maior do ex-atleta é pela torcida pelo bom desempenho. Nota-se que, uma vez aposentado, o ex-atleta se torna um “torcedor” e um representante do público, que se identifica com sua imagem, de acordo com a lógica da espetacularização.

Paulo se esquivou, por exemplo, de comentar a substituição de Tamires, que se machucou após uma dura entrada, por Yasmin. Renata Silveira, narradora, chamou Paulo para comentar a substituição, mas o comentarista ignorou a situação e comentou apenas sobre a gravidade da entrada que tirou Tamires do jogo (Nunes, 2024). Tal movimento pode demonstrar a falta de conhecimento de Paulo Nunes acerca das características das jogadoras.

Apesar disso, as leituras de Paulo Nunes das narrativas foram bem realizadas e ajudaram a traduzir o comportamento das duas seleções dentro de campo. Muito solicitado e participativo, o ex-jogador foi pontual. Para efeito de comparação, Renata Mendonça destacou mais as características das jogadoras das duas seleções e até relembrou episódios passados das olimpíadas que ajudaram a trazer elementos narrativos para a transmissão.

O primeiro comentário acerca das características das jogadoras feito por

Paulo veio, inclusive, após uma fala de Renata Mendonça, que destacou a habilidade de Gabi Portilho. Além disso, Nunes comentou sobre as habilidades da mais midiática jogadora da seleção brasileira, Marta, que foi protagonista nos principais lances da partida – um gol anulado, que havia sido marcado por ela, e o gol válido, que teve a assistência da jogadora. Destacou, também, a dominância da dupla Yaya e Duda Sampaio no meio-campo brasileiro. Uma importante menção para o telespectador compreender o volume de jogo brasileiro nesta partida.



Figura 4 – Trio de transmissão do SporTV: Renata Silveira, Renata Mendonça e Paulo Nunes

Fonte: Reprodução/Instagram/@renatamendonca_tv

Um jogo pouco movimentado exigiu poucas leituras mais aprofundadas de Paulo Nunes. Mas pode-se notar que Paulo tinha o objetivo de comentar o que estava acontecendo no presente da partida, enquanto Renata trazia outros aspectos que dariam contexto para a partida. Essa foi apenas a primeira partida do trio, que só volta a se encontrar na partida contra a Espanha, pela terceira rodada da fase de grupos. O relatório a seguir, discute a partida contra o Japão, que teve Paulo Nunes no lugar de Renata Silveira.

4.4.1.2 Brasil x Japão

A segunda partida da seleção brasileira feminina de futebol nas olimpíadas foi contra o Japão, no dia 28 de setembro de 2024, às 12 horas. A equipe de transmissão do *SporTV* teve os mesmos profissionais da primeira: Renata Silveira, Renata Mendonça e Paulo Nunes. Dessa vez, Paulo Nunes já tinha a bagagem da primeira partida e, por isso, parecia mais acostumado aos padrões de jogo e características das jogadoras brasileiras, trazendo novas interpretações aos seus comentários, como a escalação com 3 zagueiros escolhida pelo técnico Arthur Elias para a seleção brasileira. Segundo Paulo, o posicionamento defensivo da equipe estava “completamente errado” em diferentes momentos do primeiro tempo da partida (Nunes, 2024). A fala novamente recorre a uma formulação rasa e sem maiores aprofundamentos nos comentários, apenas sintetizando o que o público brasileiro vê, mas não tem palco para se comunicar. Dessa maneira, Paulo aproxima o público da transmissão, exatamente como se espera dele, ao representar a opinião do telespectador.

Ainda assim, o ex-jogador foi pouco participativo. Sua participação se resumiu a comentários sobre posicionamento e leituras de soluções para tornar a seleção brasileira mais consistente dentro de campo. Poucos comentários sobre as características das jogadoras brasileiras e adversárias e sobre o histórico das duas equipes em competições passadas, fundamentais para a construção de uma narrativa que justifique o que acontece em campo. Em “O Manual do Jornalismo Esportivo” (2006), Barbeiro e Rangel destacam que o comentarista deve participar do processo jornalístico como toda a equipe:

Como o narrador, ele não é um Deus que chega alguns instantes antes do jogo começar e vai embora alguns segundos depois de encerrado. Ele participa da pauta, planejamento, apuração de notícias, entrevista, enfim, colabora no que for possível, uma vez que também esse trabalho é feito em equipe (Barbeiro, Rangel, 2006, p. 79).

Deste modo, nota-se que, a orientação dos autores aplica-se mais a Renata Mendonça e menos a Paulo Nunes.

Pouco movimentado, o jogo não exigiu muito dos comentaristas. Renata Mendonça, que participou mais da transmissão do que Paulo Nunes no primeiro jogo, também apareceu pouco nessa transmissão. Apesar disso, aos 55 minutos, o Brasil abriu o placar com Jheniffer, em mais uma jogada iniciada por Marta, assim como no primeiro jogo.

O jogo permaneceu controlado e com pouca participação dos comentaristas até os 90 minutos, quando a arbitragem assinalou pênalti para o Japão, convertido em sequência. Poucos minutos depois, o Japão virou a partida já nos acréscimos. O jogo que parecia ganho para a seleção brasileira tomou um fim melancólico e colocou em risco a classificação para as quartas de final da competição. Paulo Nunes criticou a partida da seleção brasileira e destacou que, desde o início, a equipe não se portou bem, lembrando então a escolha por uma formação diferente com três zagueiras (Nunes, 2024). Nota-se, também, que Paulo concentrou seus comentários na crítica da seleção brasileira e pouco comentou sobre o mérito da equipe japonesa. Afinal, a lógica da espetacularização exige que Paulo represente o torcedor. Dessa forma, é mais simples evidenciar o despreparo da seleção brasileira que, para a transmissão, deveria ser superior.

Ainda assim, nesta partida, pudemos perceber o avanço de Paulo Nunes, que tem muita facilidade para compreender o contexto das disputas, quanto a leitura da organização da equipe brasileira, bem como sua compreensão do que poderia potencializar seu desempenho. De todo modo, Paulo concentrou sua participação em comentários que partiam do senso comum e que poderiam ser aplicados a qualquer partida ou por qualquer outro comentarista, principalmente um jornalista. Daí, verifica-se mais uma vez a preferência da emissora em utilizar um ex-atleta principalmente pela sua influência e espaço dentro do imaginário do torcedor.

4.4.1.3 Brasil x Espanha

A terceira partida ocorreu no dia 31 de julho de 2024, às 12h. Dessa vez, a SporTV manteve a dupla de comentaristas, mas trocou a narração da partida. Paulo Andrade, grande contratação recente do grupo Globo foi o responsável por liderar a equipe, ao lado de Paulo Nunes e Renata Mendonça. Bem mais experiente do que Renata Silveira, Paulo Andrade trouxe um clima diferente quanto o entrosamento com os comentaristas.

Talvez pela proximidade com Paulo Andrade ou pela facilidade com a qual o narrador conseguia envolver os comentaristas na transmissão, o ex-atleta também foi bem mais participativo do que durante os primeiros jogos. Aqui, a espetacularização é novamente constatada, uma vez que Paulo Andrade e Paulo Nunes são figuras famosas dentro da imprensa esportiva. Unir os dois é uma forma da emissora de apelar ainda mais para o engajamento do público, que quer ver o

narrador responsável por dar voz a vitórias do seu time em jogos comuns do futebol brasileiro, aliado de um ex-atleta, formando, assim, uma dupla forte no imaginário do torcedor.

Dupla, essa, que se destaca ainda mais visto a preferência do público por um narrador masculino. A narradora Renata Silveira, inclusive, havia desativado, antes das Olimpíadas, a sua rede social X após ataques machistas à sua narração (*Metrópoles*, 2024). Dessa forma, com um dos narradores principais da emissora, ao lado de um ex-atleta, a Globo tenta trazer ainda mais o público, principalmente o masculino, para as transmissões.

A formação da dupla abre, também, espaço para o uso da linguagem conotativa e expressões da “linguagem futebolística”, característica latente da espetacularização e uma das principais ferramentas de aproximação e engajamento para com o público.

Paulo Nunes novamente ressaltou, em tom preocupado, o esquema tático da equipe brasileira. Mas, diferente das outras vezes, também ressaltou que a Espanha, já classificada, não estava com o time titular completo, mas sim mesclado com jogadoras reservas, com o objetivo de descansar o elenco para a próxima fase do torneio. Nunes destacou que isso deveria ser aproveitado, visto que o jogo é crucial para a classificação brasileira (Nunes, 2024).

Dessa forma, podemos ver logo de início a imersão de Nunes dentro da competição, estando cada vez mais confortável para traduzir para o público as dinâmicas de jogo entre as equipes em campo, bem como as características das jogadoras. Destaque para uma das primeiras falas de Paulo Nunes no jogo, ressaltando as características da jogadora Kerolin, como posicionamento e leitura de jogo da atacante da seleção (Nunes, 2024).

Ainda que as leituras de Paulo Nunes fossem precisas, podemos encontrar aqui um contraste com Renata Mendonça, jornalista e companheira de Nunes durante a transmissão. Enquanto Paulo Nunes ficava responsável por traduzir os acontecimentos dos jogos, bem como seus desdobramentos, Renata mais uma vez se destacou por trazer históricos das atletas e equipes, além de se apoiar, dessa vez junto com o também jornalista Paulo Andrade, em dados e estatísticas para suas argumentações. Algo que, até então, Paulo Nunes não havia feito.

Outra comparação interessante é quanto às leituras realizadas sobre a expulsão da jogadora Marta. Principal jogadora da seleção e multicampeã do prêmio

de melhor jogador do mundo, Marta foi expulsa após entrada perigosa em uma adversária.

Para Paulo Nunes, a estratégia de jogo escolhida pelo Brasil colocou as jogadoras em constante postura defensiva devido à ameaça que a equipe espanhola oferecia, fazendo com que essas tivessem que correr mais do que teriam se mantivessem mais a posse de bola, gerando um desgaste físico considerável. Para Nunes, esse desgaste foi responsável pela falta de prudência de Marta. Renata concordou que a estratégia defensiva executada pelo Brasil colocou em risco a marcação e, consequentemente, ocasionou a expulsão de Marta, vítima de plano de jogo “desconfortável” para as jogadoras brasileiras.

Desta forma, verifica-se a prioridade por justificar a falta de prudência da jogadora. Ainda que estivesse exposta no esquema brasileiro, foi a sua falta de disciplina que resultou na expulsão. Mas, pela lógica da espetacularização, vale, aos agentes presentes na transmissão, justificar o erro e defender a principal e mais midiática atleta da equipe, em vez de criticar a jogadora firmemente.

Vale destacar, por último, as críticas do trio de transmissão quanto à quantidade de acréscimos dados ao final da partida. Foram 16 minutos adicionais que, no fim, acabaram sendo 18. Toda a equipe demonstrou seu descontentamento com essa decisão, pontuando o desgaste da seleção brasileira, que jogou com uma jogadora a menos durante todo o segundo tempo e, caso sofresse mais um gol, veria a classificação para a fase de mata-mata cada vez mais distante.

Em suma, os comentários de Paulo Nunes foram importantes para compreensão da partida, mas Paulo Andrade foi o grande responsável, graças a sua facilidade com oratória e seu alto nível de eloquência, qualidades as quais Paulo Nunes ainda tem a evoluir. Apesar de certos, seus comentários são pobres em diversidade criativa e são baseadas em falas pré-estabelecidas por toda a cultura do futebol brasileiro. Isso evidencia que, mais do que suas análises ou contribuições técnicas sobre o jogo, é a própria presença do ex-atleta que cumpre a principal função na transmissão: atrair engajamento e identificação do público. Trata-se de um capital simbólico construído pela trajetória esportiva, que muitas vezes se sobrepõe à necessidade de uma contribuição efetivamente analítica ou informativa. A emissora parece não se importar com os comentários genéricos de Paulo, desde que sua participação esteja atraindo o público.

4.4.1.4 Brasil x França

A quarta transmissão, realizada no dia 03 de agosto de 2024, às 16 horas, e que voltou a ter o trio inicial (com Renata Silveira novamente como narradora, no lugar de Paulo Andrade), iniciou com um questionamento de Renata para Paulo Nunes acerca do psicológico da seleção brasileira. Tendo se classificado em terceiro lugar em seu grupo e com resultados negativos contra Japão e Espanha, Renata questiona qual deveria ser a postura das atletas, agora que o mata-mata havia chegado e elas enfrentavam um adversário favorito à medalha e que jogava em casa (Silveira, 2024).

Por se tratar de uma pergunta a respeito do comportamento das atletas, Renata, objetivamente, direcionou a pergunta a Paulo Nunes, que, como ex-jogador, já havia passado por situações parecidas com as quais as atletas se encontravam. Dessa forma, Nunes poderia contribuir de fato com sua experiência e bagagem como atleta, justificando sua presença na transmissão. Logo de início, a transmissão busca criar um clima de emoção, transformando a partida em momentos decisivos, onde qualquer coisa pode acontecer. Essa atmosfera atingiria seu ápice da emoção caso o Brasil ganhasse jogando bem, o que transformaria as atletas em “heroínas” do Brasil, reforçando sua identificação com o público. Afinal, o principal objetivo da emissora é criar uma história com a qual o público se identifique e engaje, a partir da lógica da espetacularização.

Paulo Nunes explicou que essa era a oportunidade da seleção brasileira de superar as dificuldades na competição e jogar a pressão nas donas da casa, dando a entender que essa poderia ser a “virada de chave” para a equipe crescer na competição (Nunes, 2024). A vitória brasileira neste jogo aliviou o clima de pressão na seleção, que voltou a jogar bem e chegou à final da disputa, conquistando a medalha de prata. Vale ressaltar que o comentário de Paulo foi acionado puramente para contribuir com o clima de decisão, que contribui para tornar o espetáculo ainda mais impressionante aos olhos do torcedor, que vê um ex-personagem do espetáculo se posicionando sobre o que está acontecendo.

O próximo comentário de Paulo foi sobre o pênalti marcado para a França, concordando com a fala inicial de Renata Silveira, apenas reformulando o que disse a narradora, com outras palavras (Nunes, 2024). Renata Mendonça trouxe uma nova perspectiva, apesar de também ter concordado com os demais comentários. Ainda

sobre o pênalti, Paulo Nunes destacou que Lorena, goleira titular da seleção brasileira, era a melhor da posição no torneio até aquele momento (Nunes, 2024).

Os comentários seguintes foram destaques sobre lances da partida. Sempre analisando do ponto de vista das dinâmicas do jogo, com pontuações sobre posicionamento, tomadas de decisão das jogadoras e caminhos que poderiam ser tomados para alcançar a vitória brasileira (Nunes, 2024).

A essa altura das transmissões, Paulo já havia conseguido observar e compreender as características de cada jogadora brasileira. Por isso, também parecia mais confortável para comentar as jogadas e oferecer novas leituras sobre as dinâmicas do jogo. Ainda assim, faltou maior atenção às características da equipe adversária. Por exemplo: apenas no segundo tempo a transmissão destacou que Katoto, jogadora francesa, era a artilheira da competição. Essa informação é crucial para qualquer reflexão acerca do sistema defensivo brasileiro, por conta da ameaça ofensiva representada por Katoto. Reconhecer isso ajudaria a traduzir uma preocupação da seleção brasileira para o público — mas não foi feito por Paulo em nenhum de seus comentários (Nunes, 2024).

No gol brasileiro, Paulo Nunes destacou a boa fase de Gabi Portilho, autora do gol, durante a competição, ajudando a elucidar quem era a grande personagem daquela partida, contribuindo para a narrativa da transmissão (Nunes, 2024).

Paulo Nunes retomou sua primeira afirmação da transmissão após Renata Silveira questioná-lo a respeito de erros de passe, desespero visível e dificuldade na tomada de decisão da equipe francesa, que se via atrás no placar restando poucos minutos de partida. Novamente, Paulo afirmou que jogar em casa era bom (falando sobre a equipe francesa, que disputava as Olimpíadas em seu país), mas que o Brasil havia conseguido jogar a cobrança para a França e logo este apoio da torcida se tornou pressão, por conta da responsabilidade de ser o mandante (Nunes, 2024). Ao citar a “pressão”, Paulo está contribuindo para criar uma atmosfera emocionante e criar uma narrativa que torne a partida ainda mais espetacular. Ainda que esse seja um elemento que influencie o desempenho das jogadoras, se trata muito mais de uma narrativa que quer criar heróis e vilões, valorizando o tamanho da história que está sendo escrita. Em um palco relevante, a pressão pela performance e a responsabilidade que as jogadoras carregam são maiores.

A presença de Paulo Nunes, mais uma vez, evidencia a lógica da espetacularização presente nas transmissões esportivas contemporâneas. Sua

figura, enquanto ex-atleta carismático e conhecido do público, contribui menos com interpretações aprofundadas e mais com a criação de uma ambiência afetiva e reconhecível ao telespectador. A centralidade de suas falas — ainda que muitas vezes genéricas ou baseadas no senso comum — reforça a ideia de que a transmissão esportiva assume contornos de entretenimento, em que a credibilidade de quem fala importa mais do que a substância daquilo que é dito. Em vez de aprofundar as estratégias das equipes ou apresentar dados que ampliem a compreensão do jogo, a narrativa construída ao redor do ex-atleta busca mobilizar o público pela emoção e pela familiaridade. Assim, a espetacularização opera como uma engrenagem que transforma o comentarista em personagem, aproximando-o do torcedor e esvaziando o papel crítico que a cobertura esportiva poderia desempenhar.

4.4.1.5 Brasil x Espanha

Esta transmissão segue com o mesmo trio de transmissão da anterior e foi realizada no dia 6 de agosto de 2024, às 16 horas. Os primeiros comentários de Paulo Nunes são a respeito da postura da seleção brasileira, que acredita estar diferente do último jogo: marcação e pressão mais firme e agressiva, em linhas altas (Nunes, 2024). O reconhecimento de Paulo Nunes se tornou resultado poucos minutos depois, quando, aos 6 minutos de jogo, o Brasil encontrou seu gol após um erro da defesa espanhola, impulsionado pela pressão brasileira.

Outro ponto relevante para destacar a participação de Paulo Nunes nas transmissões é quanto à linguagem de “boleiro”. Nos últimos anos, ex-jogadores dos anos 90 e 2000 têm ganhado espaço na mídia e aparecendo para falar sobre futebol de um jeito descontraído, formato que tem sido um expoente quanto à linguagem esportiva e de entretenimento e baseada no movimento de espetacularização da cobertura esportiva.

Devido ao crescimento desse formato, se desenvolveu a linguagem de “boleiro”, composta por expressões utilizadas por quem vive o dia a dia do futebol. Em diferentes momentos da transmissão, é possível verificar Paulo Nunes utilizando desta linguagem. Durante a transmissão de Brasil x Espanha, Nunes afirmou: “alguém vai sonhar com a Gabi Portilho nessa defesa da Espanha. [Está colocando] No bolso, de todos os lados. Já foi a Abelleira, já foi a Mariona (Caldentey), já foi a Paredes...Vão sonhar com ela a noite inteira” (Nunes, 2024). A frase de Nunes

explica que Gabi Portilho estava dificultando, graças às suas habilidades, o jogo de marcação da seleção espanhola e, por conta disso, as jogadoras teriam “pesadelos” com Portilho.

Esta linguagem consegue, de maneira simples, explicar o impacto da jogadora na partida dando um tom de leveza e descontração, o que, além de contribuir para o entendimento da narrativa por parte do público, também o aproxima da transmissão. Está diretamente ligada ao que Marques (2017) ressalta: “o linguajar diferente dos comunicadores esportivos teria como pretensão fugir ao registro linguístico mais convencional, de modo a imprimir à expressão verbal um significado conotativo, na busca de maior audiência (Marques, 2017, p. 96).

Paulo volta a falar sobre o “pesadelo” que Portilho causará às espanholas após marcar o segundo gol brasileiro (Nunes, 2024). Antes do terceiro gol brasileiro, o ex-jogador destaca que a seleção espanhola, atrás no placar, pressionava muito o Brasil, que poderia ter uma chance de ampliar o placar no contra-ataque. Foi o que aconteceu, em seguida, com o gol de Adriana. Paulo usa a expressão “contra-ataque de almanaque” para definir o gol brasileiro (Nunes, 2024). Nunes também destacou o jogo coletivo brasileiro pela primeira vez na competição, garantindo que a seleção “impressiona”. Todas essas, expressões que contribuem para a atmosfera de espetáculo que a transmissão assume e vai reforçando o papel das atletas como personagens do show.

Em mais uma transmissão, Renata Mendonça destaca uma característica sobre as adversárias, enquanto Paulo foca no desempenho brasileiro. No primeiro gol espanhol, Renata destaca que o forte das adversárias era justamente a bola área, por onde saiu o gol. Logo em seguida, Renata também destaca a qualidade do chute da espanhola de Putellas, ressaltando mais uma característica do adversário. (Mendonça, 2024).

Quando fala sobre a adversária, Paulo Nunes não se expressa tão bem. Após o 4º gol brasileiro, vindo de uma falha da defesa espanhola, Nunes destaca: “o que a gente tem de um lado, a seleção espanhola visivelmente não tem do outro. Nós temos a Lorena e eles, a Cata Coll. A diferença é gritante” (Nunes, 2024). Cata Coll, goleira espanhola, falhou em mais de um gol durante essa partida, o que motivou o comentário de Paulo Nunes. Mas, ao colocar a goleira espanhola em comparação com Lorena, Paulo Nunes deveria ter demonstrado mais respeito à adversária, que também se trata de uma grande goleira, e ressaltado que se trata de uma situação

circunstancial.

Titular do Barcelona e da seleção espanhola com apenas 23 anos, Catalina Coll já foi indicada para o prêmio FIFA The Best como melhor goleira de 2023, sendo, inclusive, uma das 3 finalistas, demonstrando muito futuro. Apesar da falha no dia em questão, seria importante ressaltar que Catalina é uma das melhores da posição no mundo e estava em um dia ruim. A diferença, imposta por Paulo Nunes, se aplica apenas ao jogo em questão, e não à carreira das duas, algo que não foi especificado pelo comentarista. Dessa forma, é possível constatar que o comentário foi pautado mais na emoção do que em fatos ou pesquisas.

4.4.1.6 Brasil x EUA

Na última partida brasileira nas olimpíadas, realizada no dia 10 de agosto de 2024, às 12 horas. Paulo Nunes iniciou a transmissão elogiando a postura brasileira, que começou pressionando os EUA, mas criticou a grande chance perdida por Ludmilla (Nunes, 2024). Enquanto isso, Renata Silveira trouxe informações de jogadoras brasileiras que não foram relacionadas e comentou características das jogadoras americanas, assim como nas outras transmissões, seguindo o papel de transmissão de informação, como uma repórter. Posto esse, também dividido com Renata, que trouxe informações sobre a técnica americana logo no início da transmissão, enquanto Nunes se atenta à leitura técnica e tática da partida.

O primeiro comentário acerca das adversárias feita por Nunes foi quando, aos 12 minutos do primeiro tempo, reforçou que a seleção americana é “muito forte fisicamente”, o que dificultaria o jogo brasileiro. Mais à frente, destacou a velocidade da camisa 9, a americana Swanson (Nunes, 2024).

Com uma partida menos movimentada, houve poucas situações que exigiram de Paulo Nunes outros comentários além de sua leitura tática do futebol. O jogo terminou em 1x0 para as estadunidenses, deixando a equipe brasileira com a medalha de prata.

Ainda que o feito de chegar à final olímpica seja notável, o tom da transmissão ao final da partida foi marcado por certa melancolia. Esse sentimento é intensificado pelos efeitos da espetacularização, que tende a criar narrativas de glória absoluta ou fracasso, sem espaço para nuances. A medalha de prata, nesse contexto, não é celebrada como conquista, mas sim sentida como uma derrota — afinal, o espetáculo construído ao longo do torneio prometia a consagração total da

seleção.

Narrativamente, a lógica da espetacularização exige clímax e desfecho heroico. Quando o desfecho não corresponde à expectativa gerada — como a conquista do ouro —, instala-se uma frustração emocional que se sobrepõe à análise racional da campanha brasileira. Isso se manifesta na postura dos comentaristas, que encerram a jornada mais atentos ao que "faltou" do que ao que foi conquistado. Ao final, mais do que uma medalha, o que parece ter escapado foi o roteiro perfeito idealizado pela cobertura midiática: o título, a consagração de Marta, a superação completa. Nesse sentido, a espetacularização não apenas molda a forma de comentar, mas também condiciona o que será considerado sucesso ou fracasso na percepção do público.

4.4.1.7 Conclusão – Futebol Feminino

A participação de Paulo Nunes nas transmissões do futebol feminino durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024 revelou tensões importantes entre carisma e competência técnica, entre representatividade e preparo comunicacional. Embora sua presença tenha contribuído para a tradução de algumas dinâmicas táticas em linguagem acessível, os comentários realizados ao longo das transmissões foram, em grande parte, genéricos e baseados em senso comum — algo que poderia ser facilmente desempenhado por jornalistas com formação específica, caso houvesse espaço midiático para isso. Entretanto, evidencia-se que a escolha das emissoras baseia-se muito mais no público que o comentarista pode engajar.

Essa concessão de espaço para o ex-atleta revela um dos efeitos centrais da espetacularização da cobertura esportiva: a valorização do quem fala sobre o que se fala. A figura de Paulo Nunes é legitimada não por seu domínio do futebol feminino, mas por sua trajetória no futebol masculino e pelo lugar que ocupa no imaginário popular. A ele é concedida a autoridade da experiência, mesmo quando essa experiência pouco se conecta com o universo em questão — no caso, o futebol feminino e suas especificidades.

A lógica da espetacularização também se evidencia na própria escolha de se inserir uma figura masculina, "boleira", como comentarista principal de uma modalidade historicamente marginalizada dentro do esporte nacional. Em vez de se priorizar uma voz feminina, especialista e identificada com o cenário do futebol feminino, opta-se por reforçar o apelo de um nome conhecido, capaz de gerar

engajamento e reproduzir a linguagem emocional esperada pelo público tradicional do futebol. Essa decisão não apenas limita o aprofundamento das análises, como também reforça a ideia de que o espetáculo vale mais que a informação.

Ainda que Paulo Nunes tenha mostrado evolução ao longo das transmissões e conseguido realizar leituras coerentes sobre o desempenho da equipe brasileira, sua atuação esteve mais próxima da função de representante do torcedor — reforçando afetos, frustrações e expectativas — do que da de um comentarista crítico e analítico. Cabe destacar, inclusive, que muitos de seus comentários sobre as jogadoras só surgiram após serem antecipados por jornalistas como Renata Mendonça ou pelo narrador Paulo Andrade, evidenciando sua dependência de condução.

Como aponta Marques (2017), a ausência de profissionais da comunicação como comentaristas favorece um perfil marcado por subjetividade exagerada e falta de aprofundamento, o que reduz o potencial informativo da transmissão. Ainda que esse não tenha sido o caso extremo nas transmissões observadas, nota-se que os comentários de Paulo Nunes não escaparam dessa lógica. Faltou, sobretudo, repertório sobre o histórico das jogadoras e das seleções, domínio de dados e estatísticas, e articulação com a conjuntura do torneio — elementos que poderiam qualificar e enriquecer sua participação.

Por fim, é possível notar que a equipe do SporTV foi cuidadosa ao criar situações em que Paulo Nunes pudesse se posicionar dentro de sua zona de conforto, o que suavizou possíveis lacunas em sua preparação. Ainda assim, isso evidencia um modelo de cobertura que, ao privilegiar o espetáculo e o engajamento imediato, opta por reforçar estereótipos e reproduzir a lógica da visibilidade como critério central para a escolha dos seus porta-vozes. Assim, a cobertura do futebol feminino se beneficia do reconhecimento simbólico de um ex-atleta, mas perde a chance de oferecer ao público uma abordagem mais aprofundada, diversa e informativa.

4.4.2 BASQUETE

O basquete masculino foi incluído nesta pesquisa por sua trajetória consolidada no repertório esportivo televisivo brasileiro, tanto na TV aberta quanto na fechada. Essa tradição torna relevante a investigação das transmissões olímpicas de 2024, sobretudo no contexto das novas abordagens propostas por canais como a CazéTV. Os relatórios a seguir buscam verificar como a presença de ex-atletas nas transmissões influenciou a construção narrativa dos jogos, bem como os possíveis efeitos da espetacularização sobre a prática jornalística. Os jogos observados foram disputados pela seleção brasileira masculina e transmitidos por diferentes plataformas, o que permitiu um contraste entre estilos e estratégias comunicacionais.

A seguir, apresenta-se a tabela com as informações básicas de cada uma das transmissões analisadas.

Tabela 2 - Basquete

Data/horário	Evento	Canal	Equipe de transmissão
27/07 - 12:00	França x Brasil	Cazé TV	Não houveram ex atletas na transmissão
30/07 - 16h	Brasil x Alemanha	Cazé TV	Rômulo Mendonça, Ricardo Bulgarelli, Casimiro Miguel e Felipe Motta
02/08 - 06h	Japão x Brasil	Cazé TV	Luís Felipe Freitas, Ricardo Bulgarelli, Guilherme Beltrão e Felipe Motta
06/08 - 16:30	EUA x Brasil	SporTV	Odinei Ribeiro, Pedro Maia e Marcus Vinicius Vieira de Souza (Marquinhos)

Fonte: Globo Esporte e Globoplay

Crédito: Elaborado pelo autor.

A tabela acima reúne os dados principais das transmissões de basquete masculino observadas neste estudo, como data, canal, adversário e equipe responsável pela cobertura. Essa sistematização permite identificar diferenças entre os formatos adotados por SporTV e CazéTV, especialmente no que diz respeito à presença de ex-atletas, à linguagem utilizada e à composição das equipes. A tabela

também possibilita sistematizar em quais transmissões estiveram presentes os ex-atletas Felipe Motta e Marcus Vinicius Vieira de Souza (Marquinhos), bem como as emissoras responsáveis por essas participações. Esses elementos funcionam como base descritiva e de sistematização de informações para as análises qualitativas desenvolvidas a seguir, que verificam, com base nas categorias metodológicas, o impacto da espetacularização nas transmissões e o papel desempenhado pelos comentaristas em cada contexto.

4.4.2.1 Brasil x Alemanha

A partida válida pela segunda rodada da primeira fase do basquete masculino entre Brasil e Alemanha, transmitida pela Cazé TV no dia 30 de julho, às 16 horas, contou com a transmissão com padrões parecidos com as realizadas pelo SporTV nas exibições do Futebol feminino catalogadas neste trabalho: a equipe era composta por um narrador e dois comentaristas. Entretanto, neste caso, a CazéTV optou por utilizar um atleta em atividade da modalidade transmitida, enquanto a emissora optou por um ex-atleta.

Este é o caso de Felipe Motta, atual ala da equipe de basquete do Botafogo e que pertencia ao Flamengo durante a transmissão da partida em questão. A escolha de Felipe como comentarista realizada pelo canal carioca vai ao encontro com as novas tendências impostas por esta nova mídia, que tem dominado o público.

O jogador possui mais de 1 milhão de seguidores em suas redes sociais e é um influenciador não apenas do esporte que pratica, mas também de outros assuntos, como viagens, relacionamentos, *lifestyle* e outros temas abordados em seus perfis no *Instagram* e *Tik Tok*.

Tal escolha, evidencia o movimento de espetacularização proposto pelas novas mídias, que priorizam “ideias feitas”, ou seja, o *fast-food* cultural proposto por Bourdieu (1997), e quase abandonam a elaboração do pensamento, algo que as emissoras e novas mídias não estão interessadas, como propõe Marques (2024).

Apesar de jogador, Felipe ainda está no início de sua carreira. A experiência é algo que agrega credibilidade ao ex-atleta que atua como comentarista, uma vez que o público espera desses agentes a percepção de quem já esteve em quadra. Ainda que já atue como profissional, Felipe tinha apenas 21 anos durante a transmissão e não tem uma carreira longa como jogador. Muito menos participou de uma olimpíada defendendo o Brasil, como outros ex-jogadores e comentaristas atualmente fizeram,

como o caso de Marcelinho Machado, Janeth Arcain e Hortência.

No sentido de atribuir credibilidade e contribuir para a narrativa jornalística proposta por uma transmissão esportiva de nível que uma Olimpíada exige por conta do grau de preparo e concentração dos atletas e organização do evento, a CazéTV acaba por priorizar o entretenimento, visando utilizar o tamanho de Felipe como influenciador para atrair seu público para a transmissão. Enquanto isso, os comentários sobre a partida, principal atribuição de um jogador ou ex-jogador em uma transmissão esportiva, acaba se tornando apenas uma consequência da presença de Felipe na equipe.

De toda forma, a participação do atleta será observada, bem como suas falas e reflexões, para que se possa compreender o avanço das transmissões esportivas no Brasil e como o contexto e dinâmicas da partida foram transmitidas em informação por Felipe, a fim de compreender o papel de atletas e ex-atletas como comentaristas em transmissões esportivas, principal objetivo deste trabalho.

O restante da equipe de transmissão foi composto por Rômulo Mendonça, jornalista e um dos principais locutores da modalidade no Brasil atualmente. Profissional da Prime Vídeo, plataforma de streaming da empresa americana Amazon, Rômulo foi o narrador titular das últimas transmissões das finais da NBA, campeonato de basquete mais midiático do mundo. O outro comentarista presente na transmissão foi o também jornalista Ricardo Bulgarelli, companheiro de Rômulo na Prime Video.

A dupla trabalha em conjunto há muito tempo. Antes de trabalharem nas transmissões da Prime Vídeo, ambos atuaram na ESPN, fazendo parte da equipe titular das transmissões de basquete da emissora. Uma dupla forte e consagrada na mídia brasileira, que daria a tranquilidade para Felipe Motta, novidade em uma transmissão de basquete de olimpíadas.

A primeira participação de Felipe na transmissão ocorreu logo no início do primeiro quarto, quando Rômulo o aciona após um começo de jogo marcado por intensidade física. Seu comentário inicial enfatiza a força física e técnica da equipe alemã, composta por atletas de alto nível. No entanto, ele aponta uma possível vantagem para o Brasil: a exploração ofensiva das trocas defensivas feitas pela Alemanha, que poderiam ser utilizadas a favor da seleção brasileira (Motta, 2024).

Em eventos de grande audiência como os Jogos Olímpicos, torna-se fundamental que a equipe de transmissão — e, em particular, os comentaristas —

atue no sentido de “traduzir” tecnicamente o jogo para o espectador. É importante destacar que as partidas de basquete nos Jogos Olímpicos seguem as regras da Federação Internacional de Basquete (FIBA), e não as da NBA, que são mais conhecidas por parte do público brasileiro devido à forte presença da liga norte-americana na mídia esportiva. As diferenças entre os dois regulamentos envolvem aspectos como a duração dos quartos, o tamanho da quadra, a distância da linha de três pontos e regras específicas de defesa e interferência. Isso pode gerar certo estranhamento ou dificuldade de compreensão para o espectador médio, que pode associar o basquete apenas ao modelo da NBA. Nesse cenário, o papel dos comentaristas, especialmente os ex-atletas, torna-se ainda mais relevante, já que cabe a eles traduzirem essas diferenças e facilitar a leitura do jogo para o público.

Nesse contexto, ao mencionar as “trocas” realizadas pela equipe alemã, Felipe poderia ter detalhado o conceito ao público, explicando como funcionam as trocas defensivas no basquete e de que maneira o Brasil poderia tirar proveito delas. Esse tipo de contextualização contribui não apenas para o entendimento da partida em tempo real, mas também para o enriquecimento da experiência do espectador, que passa a identificar com mais clareza os elementos táticos em jogo.

Felipe foi pouco participativo no início da transmissão, mas demonstrou conhecimento técnico e uma crescente confiança ao longo da cobertura, passando a contribuir de forma mais ativa, especialmente ao traduzir as estratégias e jogadas. Entre os pontos principais de sua participação, ele complementou a reflexão de Bulgarelli sobre a importância de Bruno Caboclo e destacou o entrosamento entre este jogador e Yago, duas peças fundamentais para uma eventual vitória brasileira (Motta, 2024). Felipe foi frequentemente chamado para explicar as dinâmicas do jogo, estratégias para a vitória e a tradução de falas, como a do técnico alemão, destacando como isso se aplicaria em quadra. Apesar das dificuldades com a oratória, Felipe conseguiu traduzir as principais dinâmicas do jogo.

Ainda assim, o histórico dos jogadores e suas características, a jornada de cada seleção até o momento olímpico e estatísticas, foram mais destacadas por Bulgarelli. Vale ressaltar, também, que ambos os comentaristas não se propuseram a traduzir todas as características da partida. Dessa forma, um telespectador leigo e com pouco conhecimento acerca das regras do basquete, teria dificuldade para compreender os detalhes da narrativa da partida.

Em relação às demais participações de Felipe, vale citar que ele contribuiu para a criação de narrativas ao destacar a relevância das bolas de três pontos para buscar uma vitória e como a reação brasileira mudou a história da partida. Além disso, citou as principais ameaças alemãs e ressaltou a importância dos rebotes ofensivos para a equipe adversária. Também, foi o primeiro da transmissão a destacar o saldo de pontos como critério de desempate, contribuindo com a transmissão do funcionamento das estratégias das equipes quanto a posições nos grupos e o chaveamento (Motta, 2024).



Figura 5 – Felipe Motta, atleta e comentarista da CazéTV durante as olimpíadas e Casimiro Miguel, fundador do canal

Fonte: Reprodução/instagram/felipemotta13

Ainda que discreta, é perceptível a falta de prática de Felipe em transmissões esportivas. Apesar disso, cumpriu seu papel quando foi acionado e destacou pontos relevantes para a compreensão da partida. Além disso, pouco se apoiou em uma linguagem conotativa e do uso de expressões, diferente de Paulo Nunes, por exemplo. Enquanto isso, Bulgarelli, junto de seu entrosamento com Rômulo, foi responsável pela maior parte dos comentários e da tradução do funcionamento de uma partida de basquete. Estes que, apesar de jornalistas, se apoiam muito na utilização de expressões, que já se tornaram características de suas transmissões.

Rômulo se destacou por criar bordões e apelidos, como “Papai Lebrão”, referindo-se a LeBron James, atleta de basquete americano.

4.4.2.2 Brasil x Japão

A terceira partida da equipe brasileira nas olimpíadas foi contra o Japão, também transmitida pela Cazé TV no dia 02 de agosto, às 06 horas. O time de transmissão do canal mudou em relação ao primeiro jogo. O narrador, nesta partida, foi Luís Felipe Freitas, publicitário de formação, mas com anos de experiência como narrador na TNT Sports e Cazé TV. Os comentários seguiram com Ricardo Bulgarelli e Felipe Motta, mas também tiveram a participação de Guilherme Beltrão, jornalista que foi pivô de uma polêmica já citada neste trabalho durante o período de transmissões das olimpíadas.

Desde os primeiros minutos, Felipe Motta concentrou seus comentários na dimensão psicológica dos jogadores brasileiros, criando uma atmosfera de expectativa e emoção em torno da atuação da equipe (Motta, 2024). Essa ênfase em sentimentos e tensão reforça uma narrativa espetacularizada que aproxima a transmissão da linguagem de torcida, mais do que de uma cobertura analítica. Ainda que tenha feito comentários técnicos pontuais — como sobre a formação inicial da equipe brasileira, o sistema de trocas defensivas ou a entrada de Didi para melhorar o desempenho defensivo (Motta, 2024) — Motta não aprofundou suas intervenções nem contextualizou com dados, histórico ou referências estratégicas mais amplas.

Sua presença na transmissão pareceu muito mais voltada à representação simbólica do torcedor que “entende do jogo por vivê-lo” do que à produção de análise qualificada. A credibilidade que lhe é atribuída decorre do fato de ser um atleta em atividade, o que lhe confere prestígio e familiaridade com o universo esportivo — e não necessariamente de sua capacidade de traduzir tecnicamente as dinâmicas da partida.

Enquanto isso, os jornalistas Ricardo Bulgarelli e Guilherme Beltrão sustentaram a narrativa da transmissão com muito mais consistência. Trouxeram estatísticas, histórico das equipes, referências de campanhas anteriores e explicações técnicas detalhadas. Bulgarelli, em especial, demonstrou domínio sobre os aspectos táticos do jogo, explicando com clareza os movimentos defensivos e ofensivos, o que permitiu ao público compreender as intenções e limitações de cada equipe ao longo da partida. Comparado a isso, Felipe Motta teve participação mais

esporádica e discreta.

Ainda assim, essa limitação não compromete a função que Motta desempenha dentro da lógica da espetacularização. Sua figura — de um jogador jovem, carismático e ativo — amplia a identificação do público com a transmissão e reforça a ideia de “torcer junto”, como alguém que representa o que o torcedor sente. Seu papel na transmissão atende muito mais a uma demanda de engajamento emocional do que de aprofundamento analítico. Claramente, Motta era um mero convidado. A cobertura jornalística, do ponto de vista da CazéTV, já estava sendo suprida pela presença dos outros três integrantes da transmissão.

Essa estratégia está alinhada à proposta da CazéTV, que aposta em transmissões mais descontraídas e afeitas ao entretenimento. A equipe não esconde sua torcida pela seleção brasileira, o que contribui para uma cobertura menos neutra e mais afeita à performance emocional. Embora não se registre desrespeito à seleção japonesa, a ênfase em vibrar pelo Brasil e construir uma narrativa de superação, em um esporte onde o Brasil não é o favorito, está presente o tempo todo.

4.4.2.3 Brasil x EUA

A última partida da equipe de basquete brasileira nas Olimpíadas de 2024, realizada no dia 6 de agosto às 16h30, foi contra os Estados Unidos — equipe que posteriormente conquistaria a medalha de ouro. A transmissão foi feita pelo SporTV, com exibição no Globoplay, o que permitiu sua análise. A cobertura contou com o narrador Odinei Ribeiro, o jornalista Pedro Maia e o jogador em atividade Marcus Vinicius Vieira de Souza, o Marquinhos, como comentarista.

A escolha de Marquinhos, um atleta com mais de duas décadas de carreira, passagens pela NBA e pela seleção brasileira, inclusive em Jogos Olímpicos, segue a lógica adotada pela Globo de manter um modelo de espetacularização mais refinado. Ao contrário da CazéTV, que aposta no entretenimento mais escancarado com influencers e figuras de identificação direta com o público jovem, o Grupo Globo adota uma abordagem que mescla a emoção e o apelo popular com um toque a mais de sobriedade. A emissora não abre mão da lógica da espetacularização — ao escalar um ex-atleta em atividade — mas o faz mantendo o padrão que legitima sua proposta: a presença de um “herói” da modalidade, que serve de elo entre o público e os jogadores em quadra.

Ainda assim, a atuação de Marquinhos no início da transmissão foi marcada por timidez e dificuldades com a fluência verbal, o que impactou negativamente a clareza de suas primeiras participações. Sua leitura das dinâmicas da partida também demorou a se estabelecer, o que fez com que Pedro Maia assumisse o protagonismo da análise nos primeiros momentos, traduzindo com mais eficácia as jogadas e estratégias. Mais uma vez, a qualidade da análise esteve nas mãos do jornalista — que detém o repertório técnico e narrativo necessário — enquanto o ex-atleta figurava como representante simbólico do torcedor, validado por sua trajetória e carisma.

A partir do final do primeiro quarto, no entanto, Marquinhos ganhou espaço ao focar na dimensão emocional e psicológica dos atletas. Essa foi sua principal contribuição: atribuir sentido dramático à partida ao destacar o peso simbólico de enfrentar os Estados Unidos — historicamente a potência dominante do basquete. Essa narrativa se encaixa perfeitamente na lógica da espetacularização), que transforma o evento esportivo em uma batalha épica, reforçando a dicotomia “superação versus favoritismo” e alimentando o engajamento emocional do público. Marquinhos ajudou a construir esse roteiro com falas que elevavam a partida a um “momento decisivo”.

Mesmo quando começou a realizar leituras mais precisas das estratégias adotadas por ambas as equipes, Marquinhos pouco se apoiou em dados e estatísticas — elementos fundamentais no basquete e largamente utilizados por seus colegas de transmissão. Isso evidencia, mais uma vez, que seu papel não era o de ser o analista mais técnico ou completo, mas sim o de conferir humanidade e emoção à cobertura. Sua presença legitimava a experiência do torcedor comum, atribuindo veracidade às emoções sentidas durante o jogo e reforçando sua figura como uma espécie de “representante do povo” em quadra. Ele era o corpo que já esteve ali, o “exemplo” de quem conhece aquele espaço, mesmo que suas análises, em termos de profundidade, pudessem ser feitas por jornalistas com experiência na modalidade.

Nos momentos mais descontraídos, como durante a provocação de Joel Embiid após uma cesta, Marquinhos adotou uma postura leve e respeitosa — reforçando o tom informal da transmissão e a tentativa de aproximar o público por meio da simpatia e do carisma. Essas intervenções, ainda que agradáveis, reiteram

a lógica da espetacularização, em que a cobertura busca ser também entretenimento, humor e emoção.



Figura 6 – Odinei Ribeiro e Marquinhos transmitiram o último jogo da equipe de basquete brasileira nas olimpíadas de 2024

Fonte: Reprodução/Instagram/@markim11_

Portanto, a atuação de Marquinhos deixa claro que, mais do que oferecer análises qualificadas sobre o jogo, sua função principal na transmissão era a de ser um elo afetivo entre o evento esportivo e o público. Sua presença reafirma o modelo de cobertura centrado na figura do ex-atleta como autoridade simbólica, mesmo que o conteúdo técnico de suas intervenções seja limitado. Ao lado de Pedro Maia e Odinei Ribeiro, que sustentaram as informações mais robustas, Marquinhos reforçou a emoção, o carisma e a narrativa épica que a Globo ainda preserva como estratégia para prender a atenção do telespectador. Assim, mesmo em sua versão mais “conservadora”, o espetáculo segue sendo o fio condutor da transmissão esportiva.

4.4.2.4 Conclusão – Basquete

Assim como o futebol, o basquete possui presença significativa nas transmissões esportivas brasileiras, especialmente nos canais por assinatura. No entanto, diferentemente do esporte bretão, o basquete ainda exige um esforço adicional de mediação para o público geral, considerando suas especificidades, regras e dinâmicas menos difundidas pela audiência brasileira. Nesse sentido,

espera-se que as transmissões cumpram um papel pedagógico, facilitando a compreensão do jogo por meio de leituras claras, dados estatísticos e uma narrativa envolvente.

A participação de atletas em atividade, como Felipe Motta e Marquinhos, revela um padrão que se repete na lógica da espetacularização. Ambos foram convocados para as transmissões não por sua capacidade comprovada como comunicadores, mas por sua legitimidade simbólica: são rostos reconhecidos dentro do esporte, que carregam consigo o status de autoridade. Essa presença, por si só, funciona como um dispositivo de engajamento — uma estratégia que transforma o ex-atleta (ou o atleta em atividade) em um personagem midiático, mais do que em um analista técnico.

Felipe Motta, embora tenha feito comentários pontuais relevantes, teve uma atuação marcada por superficialidade. Suas falas, baseadas em suas experiências como profissional, poderiam ter sido proferidas por qualquer comentarista especializado. Sua função na transmissão da CazéTV esteve menos ligada à análise crítica e mais à personificação de um torcedor apaixonado, reforçando a carga emocional da disputa e aproximando-se da audiência por meio da identificação. Mesmo quando abordou aspectos táticos, suas intervenções foram genéricas e rapidamente superadas pelas análises mais completas dos jornalistas ao seu lado. Sua participação reforça o apelo do “comentarista carismático” em detrimento da profundidade jornalística.

Marquinhos, por outro lado, demonstrou evolução ao longo da transmissão e, com mais experiência e rodagem internacional, contribuiu de forma mais significativa. Contudo, sua performance também foi limitada pela falta de fluidez e pouca exploração de dados e estatísticas, elementos centrais para uma compreensão mais aprofundada do basquete. Sua maior contribuição foi no campo emocional e psicológico — ao transformar a narrativa do confronto contra os Estados Unidos em uma história de superação e enfrentamento simbólico. Essa construção épica reforça a lógica da espetacularização: o jogo é um palco dramático onde os atletas são protagonistas, e a vitória ou derrota adquire contornos quase cinematográficos.

Em ambas as transmissões, a presença dos jornalistas foi fundamental para sustentar a narrativa informativa, estatística e histórica. Foram eles que, de fato, cumpriram o papel pedagógico esperado, contextualizando o jogo, explicando as

regras, analisando taticamente as decisões das equipes e traduzindo o espetáculo para o público.

Portanto, é possível concluir que a presença de atletas e ex-atletas nas transmissões do basquete é menos voltada ao aprofundamento da cobertura e mais ao fortalecimento do vínculo emocional com a audiência. Eles são parte da engrenagem da espetacularização que transforma eventos esportivos em experiências midiáticas marcadas pela emoção, pela identificação e pelo entretenimento. Para que essa presença se torne também enriquecedora do ponto de vista informativo, seria necessário que esses comentaristas se preparassem com mais profundidade para desempenhar seu papel — equilibrando carisma com conhecimento técnico. No atual modelo, no entanto, o que se observa é a reafirmação de um formato onde o ex-atleta serve, sobretudo, como peça simbólica e afetiva, legitimada não pelo que diz, mas por quem é.

4.4.3 SKATE

Nesta seção, o foco principal está na observação da participação do ex-atleta Luizinho como comentarista nas transmissões das finais do skate street feminino e do skate park masculino, exibidas pelo canal SporTV durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024. Como modalidade recente no programa olímpico e ainda em processo de consolidação na cobertura esportiva televisiva brasileira, o skate representa uma oportunidade relevante para compreender como a mídia busca traduzir suas regras, dinâmicas e particularidades para um público que, em sua maioria, ainda não está familiarizado com o esporte.

A mobilização popular em torno de nomes como Rayssa Leal também contribui para o ambiente de forte carga emocional, o que permite avaliar como a espetacularização se manifesta nesse contexto. A tabela a seguir organiza os dados das transmissões analisadas e serve de base para as interpretações qualitativas desenvolvidas em seguida.

Tabela 3 - Skate

Data/horário	Evento	Canal	Equipe de transmissão
28/07 - 12:00	Feminino Street - Final	SporTV	Sergio Arenillas e Luiz Francisco Nunes
29/07 - 12:00	Masculino Park - Final	SporTV	Sergio Arenillas e Luiz Francisco Nunes

Fonte: Globo Esporte e Globoplay

Crédito: Elaborado pelo autor

A Tabela 3 apresenta as informações essenciais sobre as transmissões das finais do skate investigadas neste trabalho, permitindo sistematizar o canal responsável, a composição das equipes e o papel desempenhado por Luizinho como comentarista. Esses dados oferecem uma base clara para compreender em quais contextos o ex-atleta foi inserido e como sua presença pode ter influenciado a forma como o esporte foi apresentado ao público, especialmente no que diz respeito à tradução das regras e à construção de uma narrativa acessível para uma modalidade ainda pouco conhecida. A tabela serve, portanto, como ponto de partida para as análises qualitativas desenvolvidas a seguir.

4.4.3.1 Feminino Street – Final

A final do skate street foi transmitida no dia 28 de julho, às 12 horas, e

narrada por Sergio Arenillas, jornalista e narrador em seis Olimpíadas e outros eventos esportivos na Globo, além de ser um dos principais narradores do skate da emissora. Nos comentários, a responsabilidade ficou com Luiz Francisco Nunes, o Luizinho, skatista profissional que representou o Brasil no skate em 2021, nas olimpíadas em Tóquio.

A transmissão iniciou com a apresentação das atletas finalistas por Sérgio. A primeira participação de Luizinho foi comentando a volta de Poe Pinson, norte-americana. Enquanto a função de apresentar as atletas e descrever seu histórico em competições coube, em sua maioria, a Sérgio, Luizinho começou atuando com comentários sobre as manobras, utilizando os nomes técnicos adequados a cada um dos movimentos. Logo de início, Luizinho demonstrou que estava pouco preocupado com a transmissão da narrativa traduzida, mas sim com a sua própria leitura do esporte, baseada na sua vivência como atleta.

Luizinho demonstrou uma forte torcida por Rayssa Leal, destacando estratégias e soluções que ela poderia adotar para melhorar suas notas e subir no ranking: “a Rayssa acabou pecando em uma manobra na hora da volta dela. Porém, ainda tem uma nota boa, que dá pra buscar essa medalha, que dá pra buscar essa virada de chave para ela. Então, vamos torcer” (Nunes, 2024). Algo que era de se esperar não apenas de um atleta durante a transmissão, como os autores já mencionados na pesquisa demonstram, mas sim de toda a equipe, que não escondeu em momento algum a torcida por Rayssa.

Apesar do apoio à Rayssa, Luizinho foi equilibrado e ético ao reconhecer os méritos e falhas de todas as competidoras, como ao elogiar a volta da skatista americana Payne Hen: “a forma que você executa, hoje, dentro da competição vale muito. Se você fizer com perfeição, com certeza sua volta vai valer mais”, destacando que a competidora mereceu a nota alta que recebeu. Sem dúvidas, esse respeito também foi uma orientação para evitar comentários que degradem os atletas não brasileiros. Assim, o atleta também conquista o telespectador pela empatia, demonstrando que não existe na cultura do skate qualquer torcida pela falha do adversário. Aqui, mesmo que de forma ética, a espetacularização ainda se faz presente, tentando sensibilizar, também, a derrota das outras adversárias.

Seu conhecimento técnico das manobras foi um grande diferencial. Em parceria com Sergio, Luizinho nomeou e detalhou os movimentos, como o “Smith Grind” e o “backside boardslide”, explicando com clareza uma das voltas de Payne

Hen: “começou muito bem ali com o Smith descendo o corrimão, passou no corrimão da delta de backside board (...) e vem pro switch de novo, agora no corrimão grande, vem com o switch frontside boardslide” (Nunes, 2024). Ainda assim, coube ao narrador, que por alguns momentos parecia solitário, discorrer sobre o que significava cada manobra. Em diversos momentos, Sergio desacelerou os comentários de Luizinho, buscando decifrar o que cada uma das manobras nomeadas pelo atleta significava. Nesse sentido, a transmissão passou a sensação de que a participação de mais um jornalista especializado ao lado do narrador poderia contribuir ainda mais para uma transmissão didática. Entretanto, demonstrou-se clara que, apenas a imagem de Luizinho seria o bastante para garantir o engajamento do público, uma vez que ele entregaria o que mais uma vez é esperado pelo atleta na transmissão: tradução de aspectos mais técnicos e a mobilização do psicológico dos atletas, que contribuem para criação da atmosfera de espetáculo.

Os comentários de Luizinho das voltas das competidoras permitiram entender o que cada atleta precisava fazer para se destacar, como ele ressaltou, falando sobre a japonesa Funa Nakayama: “garantiu, Serginho. Garantiu bem (uma boa nota). Se segurou ali, sabia que precisava desses pontos” (Nunes, 2024).

Luizinho também explicou as regras da competição, mencionando o novo formato que permitia cinco manobras e duas voltas para cada participante. Ele destacou como essa mudança impactou as estratégias: “isso aí dificulta para muita gente, que prefere o best trick, que é a manobra solta. Então, você tem que ter uma volta boa” (Nunes, 2024). Além de suas reflexões e pontuações técnicas, ele trouxe sua experiência pessoal nos Jogos de Tóquio, proporcionando uma conexão emocional com o público. Ao falar sobre a ausência de torcida em Tóquio, relembrou: “cara, é muito bom quando a vibe vem e te coloca cada vez mais pra cima. Senti falta do grito, do calor das pessoas... Então, ver que agora eles têm a condição de estar pertinho de novo, de poder botar a gente pra cima cada vez mais e mais, é muito bom” (Nunes, 2024). Um exemplo prático do porque a emissora optou pelo atleta: a “vibe”, citada por Luizinho, faz referência justamente a atmosfera de espetáculo.

Apesar de sua participação ativa e descontraída, Luizinho mostrou falta de conhecimento sobre a pista, perguntando a Sergio se ela tinha menos degraus do que a pista de Tóquio, o que revelou uma fragilidade em sua preparação (Nunes,

2024).

No geral, sua atuação foi enérgica e conectou bem com o público, graças a seus comentários frequentes e sua linguagem acessível e moderna, típica do que as emissoras têm buscado, principalmente em esportes popularizados recentemente, como o skate. Ou seja, o que era esperado da emissora para Luizinho foi cumprido.



Figura 7 – Sergio Arenillas e Luizinho, equipe de transmissão do SporTV para a cobertura do skate

Fonte: Reprodução/X/@sergeta

Quanto ao histórico de atletas e suas características, a dupla da transmissão ajudou a criar uma narrativa que justificasse os acontecimentos da disputa, ajudando a transmitir para o público os objetivos de cada uma das atletas, baseado em disputas anteriores e até o cenário da atual olimpíada. Neste caso, Luizinho se destacou dos demais atletas e ex-atletas das outras modalidades, que se mantiveram focados em realizar a leitura do que acontecia durante as competições.

4.4.3.2 Skate Park Masculino – Final

A final do skate park masculino foi realizada no dia 29 de julho de 2024, às 12 horas, e contou com a mesma dupla de transmissão da final do skate street feminino: Sergio Arenillas e Luiz Francisco Nunes, o Luizinho. Assim como na outra transmissão, Luizinho acompanhou cada volta dos atletas, nomeando os movimentos executados e comentando seus impactos no desempenho geral,

ajudando a compor a narrativa da competição para o telespectador.

Logo no início, Luizinho declarou: “conversei com o Vovô (referindo-se a Edgard Pereira, técnico da seleção brasileira de skate park) antes, ele disse que os meninos vão para a medalha, tá? Eles vão com tudo em busca da medalha. Então, a gente não vai ver nada diferente do Luigi e do Pedro. Vão tacar tudo” (Nunes, 2024). O tom descontraído e entusiasmado da fala reforça o clima de torcida pela equipe brasileira, com uma linguagem carregada de afetividade e gírias próprias da cultura do skate, reforçando a lógica da espetacularização. A construção do suspense em torno da busca por medalhas e a transformação da performance esportiva em um drama nacional ajudam a compor um espetáculo midiático que vai além da prática esportiva em si.

A fala também evidencia a relação próxima de Luizinho com a delegação brasileira, o que o coloca em posição de fonte interna e, por isso, dotada de credibilidade. Sua vivência como atleta garante não apenas um conhecimento técnico, mas também um espaço simbólico na transmissão — ele representa o “insider” que fala com legitimidade sobre o ambiente competitivo e a preparação dos atletas. Ao mesmo tempo, essa legitimidade não é constantemente mobilizada para aprofundar aspectos técnicos da modalidade, mas aparece com mais força como recurso emocional e simbólico.

Um exemplo dessa perspectiva emocional pode ser visto quando Luizinho diz: “quem tiver o melhor psicológico ali dentro, quem errar menos, Serginho, é quem vai assumir a ponta” (Nunes, 2024). Embora a afirmação seja simples e até mesmo genérica, ela ganha valor simbólico por vir de alguém que já viveu situações semelhantes. A transmissão, portanto, não se limita a explicar o que acontece na pista — ela propõe uma leitura emocional dos fatos, transformando a competição em uma narrativa de superação pessoal e nacional.

Ainda assim, persistem limitações. Embora Luizinho tenha nomeado diversas manobras executadas pelos competidores, muitas dessas expressões técnicas não foram explicadas com clareza para o público leigo. O resultado é uma experiência que exige do espectador um esforço ativo de associação entre imagem e terminologia, dificultando o entendimento pleno da modalidade para quem não faz parte da comunidade do skate. Ou seja, mesmo com um comentarista legitimado pelo seu histórico como atleta, a transmissão não cumpre integralmente o papel educativo esperado em um evento como as Olimpíadas, voltado a um público amplo

e heterogêneo.

Por outro lado, a dupla de transmissão manteve, como no skate street feminino, uma postura respeitosa com os adversários estrangeiros, mesmo diante da evidente torcida pelos brasileiros. Quando as voltas dos concorrentes não alcançaram boas notas, a reação não era de comemoração, mas de reconhecimento da qualidade técnica. Ao longo da cobertura, foi destacado que todos os oito finalistas tinham nível para conquistar medalhas (Nunes, 2024).

4.4.3.3 Conclusão – Skate

As transmissões das finais olímpicas de skate analisadas demonstram, mais uma vez, como a espetacularização se manifesta mesmo em modalidades que fogem dos formatos tradicionais e das linguagens consolidadas da cobertura esportiva. Ainda que o skate tenha uma identidade própria, mais informal, e que se construa muitas vezes à margem da lógica do esporte de alto rendimento tradicional, sua presença nos Jogos Olímpicos e, sobretudo, nas transmissões televisivas, submete a modalidade à lógica do espetáculo e do engajamento.

A presença de Luiz Francisco Nunes, o Luizinho, como comentarista, ilustra esse movimento. Enquanto atleta ainda em atividade e figura carismática da modalidade, Luizinho atua não apenas como especialista técnico, mas como representante legítimo da “cultura do skate”, o que confere autenticidade à transmissão. Sua linguagem descontraída, o uso de expressões típicas do universo da modalidade e sua proximidade com os atletas em competição reforçam a estratégia de identificação com o público-alvo. No entanto, essa mesma autenticidade também é mobilizada como recurso de espetacularização: Luizinho não é apenas um comentarista, mas um personagem que representa o skate como estilo de vida e fonte de engajamento emocional.

A estrutura da transmissão se molda a essa proposta. A cobertura foi marcada por tom de torcida explícita em prol dos brasileiros, com falas que reforçam o “clima olímpico” de superação e busca por medalhas, ainda que sem desrespeitar os adversários. A performance de Luizinho reforça, nesse ponto, o ideal de “representatividade afetiva” — ou seja, sua presença no estúdio não se justifica apenas por seu conhecimento técnico, mas por seu lugar simbólico dentro da comunidade do skate e da cultura esportiva midiática.

Contudo, do ponto de vista informativo, sua atuação foi limitada em alguns

aspectos. Apesar da correta nomeação das manobras executadas pelos atletas, muitas dessas manobras não foram explicadas de forma acessível ao público leigo. Isso reforça uma limitação recorrente das transmissões analisadas: ao priorizar a autenticidade e a performance carismática dos atletas-comentaristas, perde-se a oportunidade de cumprir plenamente o papel pedagógico e formativo que se espera de uma cobertura esportiva em eventos de grande porte como as Olimpíadas. Ao exigir do telespectador que associe imagens e nomenclaturas por conta própria, a transmissão transfere a responsabilidade do aprendizado, em vez de assumir uma mediação mais clara.

Ainda assim, a equipe se destaca positivamente por sua postura respeitosa em relação aos atletas estrangeiros, mantendo o espírito olímpico e reconhecendo o alto nível técnico da competição, mesmo em meio ao viés de torcida pela delegação brasileira. Essa dualidade — entre a valorização do espetáculo e o respeito à essência do esporte — sintetiza bem o desafio atual das transmissões esportivas contemporâneas.

Portanto, a análise crítica das transmissões do skate evidencia como mesmo modalidades de perfil alternativo são absorvidas pela lógica da espetacularização quando ganham espaço na televisão e em grandes eventos. Luizinho, assim como outros comentaristas-atletas analisados neste trabalho, ocupa um papel central não pela densidade de suas análises, mas por ser um símbolo — uma figura legitimada socialmente que ajuda a transformar a transmissão em um produto afetivo, emocional e comercialmente mais viável. Para que sua participação contribua de forma mais robusta à formação do público e à valorização do esporte, é necessário que essa figura vá além do carisma e da identificação simbólica, assumindo também uma postura mais didática e analítica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu da inquietação sobre como a presença de ex-atletas como comentaristas interfere na qualidade da informação transmitida em eventos esportivos, especialmente em um contexto de intensa espetacularização das coberturas. A hipótese inicial era a de que esses profissionais agregam emoção e autenticidade, mas também podem comprometer o rigor informativo caso não estejam preparados para exercer a função comunicacional de forma plena.

A partir da observação e sistematização das transmissões olímpicas nas modalidades de futebol feminino, basquete masculino e skate, foi possível verificar que os objetivos propostos foram plenamente contemplados. A pesquisa permitiu compreender como se deu o movimento de inserção dos ex-atletas nas transmissões, identificar os critérios utilizados pelas emissoras para escalá-los e avaliar, de forma crítica, sua contribuição na construção das narrativas esportivas analisadas.

Verificou-se que a escolha por esses perfis está diretamente ligada a uma lógica de engajamento emocional e de identificação com o público. A presença dos ex-atletas em transmissões, muitas vezes, está menos relacionada à capacidade técnica de análise e mais ao seu valor simbólico enquanto ídolos, representantes de um passado vitorioso ou figuras midiáticas conhecidas. A credibilidade desses comentaristas advém, portanto, do imaginário coletivo e não necessariamente da capacidade de mediar, com profundidade, as complexidades da modalidade em foco.

Em grande parte das transmissões analisadas, especialmente no futebol feminino e no basquete, ficou evidente que os comentários mais ricos em termos de informação, contexto histórico e análise estratégica partiram dos jornalistas da equipe, enquanto os ex-atletas contribuíram principalmente com apontamentos táticos básicos, observações emocionais e comentários centrados no psicológico dos atletas. Ainda que essas contribuições não devam ser descartadas, elas se revelaram, em vários momentos, genéricas ou reproduzíveis por qualquer comunicador bem preparado. Isso reforça a percepção de que o espaço desses comentaristas se sustenta mais pela espetacularização — que exige figuras carismáticas, acessíveis e identificáveis — do que por uma efetiva função de tradução da narrativa junto ao público.

Além disso, a forma como esses profissionais foram inseridos nas transmissões evidencia a construção de um produto narrativo voltado à emoção, à torcida e à valorização da figura nacional. Em especial nas transmissões da Globo, mesmo quando equilibradas por jornalistas, notou-se uma tendência ufanista e emotiva na abordagem das competições, reforçando o espetáculo em detrimento da crítica e da mediação. No caso da CazéTV, a lógica do entretenimento se mostrou ainda mais explícita, com uma cobertura mais informal, permissiva — o que evidencia a importância de se refletir sobre os limites da espontaneidade em coberturas de eventos esportivos complexos. Além disso, utilizou a figura de Felipe Motta, muito mais reconhecido pelo público como *influencer* do que de fato como jogador de basquete.

Ainda assim, não se pode desconsiderar que os atletas e ex-atletas são também importantes na construção da narrativa esportiva. Quando bem utilizados, conseguem traduzir para o público experiências subjetivas de competição que dificilmente seriam acessadas por quem nunca esteve em quadra, campo ou pista. A valorização de suas experiências pode enriquecer a transmissão, desde que aliada ao compromisso com a clareza, a contextualização e a valorização do conhecimento jornalístico.

Dessa forma, é possível concluir que o modelo de transmissão mais equilibrado e informativo é aquele que combina jornalistas e atletas em papéis bem definidos e complementares. A função do jornalista segue sendo insubstituível, especialmente pela capacidade de investigar, contextualizar e transmitir com responsabilidade os fatos. Já os atletas, quando preparados, podem humanizar e enriquecer a cobertura com olhares mais subjetivos e próximos da vivência esportiva.

A pesquisa também aponta caminhos relevantes para estudos futuros. Modalidades esportivas adicionais, edições passadas e futuras dos Jogos Olímpicos, competições nacionais e internacionais e até transmissões em diferentes plataformas (como TikTok ou Twitch) podem ser analisadas a partir da mesma lógica, investigando como se dão as dinâmicas entre informação, espetáculo e engajamento. Além disso, vale também verificar a recepção do público quanto aos novos modelos de transmissão esportiva, por meio das manifestações em redes sociais.

Destaca-se, também, que o fenômeno da espetacularização e a utilização de

figuras com apelo midiático não se restringem ao campo esportivo ou jornalístico. No audiovisual brasileiro contemporâneo, reality shows que antes buscavam pessoas anônimas passaram a recrutar subcelebridades para garantir audiência e engajamento nas redes. Em novelas, séries e até filmes, atores profissionais vêm sendo substituídos por influenciadores e personalidades digitais, em nome da visibilidade e da popularidade. Nesses casos, a técnica artística muitas vezes é colocada em segundo plano.

No jornalismo, a lógica é igualmente sensível. Programas policiais dramatizam tragédias e exploram casos de violência com forte carga emocional, convertendo dor e sofrimento em produto midiático. Essa abordagem busca não apenas audiência, mas comoção, reforçando uma tendência preocupante: a priorização da emoção em detrimento da informação qualificada e da ética jornalística.

Compreender esses processos é fundamental para pensar a comunicação como prática social responsável. No esporte, na arte ou no jornalismo, o desafio permanece o mesmo: engajar sem distorcer; emocionar sem manipular; entreter sem banalizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Periodismo desportivo**. 1ª ed. Madrid: Síntesis, 2005.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASTMEIJER, Joost. El relato de tres inmigrantes africanos: en Qatar la gente literalmente trabaja hasta la muerte”. **El País**, 11/12/2022. Disponível em: <https://elpais.com/planeta-futuro/2022-12-11/los-relatos-de-tres-inmigrantes-kenianos-en-qatar-la-gente-literalmente-trabaja-hasta-la-muerte.html>. Acesso: 02 abr. 2025.

BRITTOS, Valério Cruz; ANDRADE, Andrei. O futebolês que trava o jornalismo esportivo. **Observatório da Imprensa**, 02/12/2008. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/o-futeboles-que-trava-o-jornalis-moesportivo/>. Acesso: 20 jun. 2024.

CARNEIRO, Raquel; CAPUANO, Amanda. A diferença gritante da Globo e da Cazé TV na abertura da Olimpíada. **Veja**, 26/07/2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/a-diferenca-gritante-da-globo-e-da-caze-tv-na-abertura-da-olimpiada>. Acesso: 14 mar. 2025.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DAVIES, Amanda. Qatar 2022: amid ongoing human rights concerns, World Cup chief promises host nation is ‘tolerant’ and ‘welcoming’. **CNN**, 30/11/2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/11/30/football/qatar-2020-world-cup-nasser-al-khater-spt-intl/index.html>. Acesso: 02 abr. 2025.

FIFA exco members took bribes for Qatar World Cup votes, US prosecutors allege. **The Guardian**, 07/04/2020. Disponível em: <https://amp.theguardian.com/football/2020/apr/07/fifa-exco-members-took-bribes-for-qatar-world-cup-votes-us-prosecutors-allege>. Acesso: 02 abr. 2025.

GLOBO apresenta detalhes da cobertura olímpica para Paris 2024. **Globo Esporte**, 20/06/2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/06/20/globo-apresenta-bastidores-da-cobertura-olimpica-para-paris-2024.ghtml>. Acesso: 13 de mar. 2025.

GLOBO compra direitos de transmissão da Olimpíada até 2032. **Estadão**, 10/12/2015. Disponível em: https://www.estadao.com.br/esportes/jogos-olimpicos/globo-compra-direitos-de-transmissao-dos-jogos-olimpicos-ate-2032/?srsltid=AfmBOopkEMMKxYMCok76riE5MqRV_IJh5vv0FpLtZ1ewcKsJNS_cYECe. Acesso: 13 mar. 2025.

GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports**. Nova York: Columbia University Press, 1978.

LANCE. Globo anuncia equipe e programas para os Jogos Paris 2024; veja destaques. **Terra**, 20/06/2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/globo-anuncia-equipe-e-programas-para-os-jogos-paris-2024-veja-destaques.3f8959964bcbe8fe3bdba5e0539ad4e7uxp23i2h.html>. Acesso: 13 mar. 2025.

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. Nova York: The Macmillan Company, 1922.

MARQUES, José Carlos. A preeminência de ex-atletas nas transmissões esportivas da TV brasileira – algumas notas sobre a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos Rio 2016. In: **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer 2: produção acadêmica sobre futebol – análises e perspectivas**. CAMPOS, Priscila A. F.; CORNELSEN, Elcio L.; SILVA, Silvio R. da. (orgs.). Vol. 1. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017, p. 97-117.

MARQUES, José Carlos. Entre os fast-thinkers e os low-thinkers. **ALCEU (ONLINE)**. v. 24, p. 218-237, 2024. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/387/424>. Acesso: 01 fev. 2025.

MARQUES, José Carlos. Esporte e os meios de comunicação no Brasil: vícios e virtudes de um matrimônio secular. In: **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. v. 1. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2020, p. 410-425.

MIYASHIRO, Kelly. O sucesso (e os ganhos milionários) da CazéTV na transmissão da Olimpíada. **Veja**, 05/08/2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/o-sucesso-e-os-ganhos-milionarios-da-caze-etv-na-transmissao-da-olimpiada>. Acesso: 13 mar. 2025.

NEIVA, Adriano. **60 Anos de Futebol no Brasil - 1894-1954**, “construindo uma história”. 1ª ed. São Paulo: São Paulo, 1954.

OLIVEIRA, Fábila. Narradora da Globo toma atitude após ser atacada nas redes. **Metrópoles**, 22/06/2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/narradora-da-globo-toma-atitude-a-pos-ser-atacada-nas-redes>

Os trabalhadores vítimas do calor de 50° no Catar. **BBC News**, 08/06/2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61739997>. Acesso: 02 abr. 2025.

PANJA, Tariq. On Eve of World Cup, FIFA Chief Says, ‘Don’t Criticize Qatar; Criticize Me’. **The New York Times**, 10/11/2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/11/19/sports/soccer/world-cup-gianni-infantino-fifa.html#:~:text=On%20Eve%20of%20World%20Cup%2C%20FIFA%20Chief%20Says%2C%20'Don,%E2%80%99Chypocrisy%E2%80%9D%20of%20Western%20criticisms>. Acesso: 02 abr. 2025.

QATAR pratica crimes contra pessoas LGBTQIA+ às vésperas da Copa, diz ONG. **Folha de São Paulo**, 24/10/2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/10/qatar-pratica-crimes-contra-pessoas-lqbtqia-as-vesperas-da-copa-diz-ong.shtml?>. Acesso: 02 abr. 2025

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**: histórias da imprensa esportiva no Brasil. 1ª edição. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RONAY, Barney. Football corruption and the remarkable road to Qatar's World Cup. **The Guardian**, 08/10/2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2022/oct/08/football-corruption-and-the-remarkable-road-to-qatar-world-cup>. Acesso: 02 abr. 2025.

SANTIAGO, Anna Luiza. Globo alcança mais de 140 milhões de pessoas com os Jogos Olímpicos. Veja as maiores audiências. **O Globo**, 13/08/2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/play/audiencia/noticia/2024/08/13/globo-alcanca-mais-de-140-milhoes-de-pessoas-com-os-jogos-olimpicos-veja-as-maiores-audiencias.ghtml>. Acesso: 13 mar. 2025.

SANTIAGO, Anna Luiza. Repórteres, narradores, comentaristas... Quem são os mais de cem profissionais da cobertura da Olimpíada de Paris na Globo e no Sportv. **O Globo**, 27/07/2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/play/noticia/2024/07/27/jornalistas-estrelas-do-esporte-saiba-quem-sao-os-mais-de-100-profissionais-envolvidos-na-cobertura-da-olimpiada-de-paris-na-globo-e-sportv.ghtml>. Acesso: 13 mar. 2025.

SIMON, Allan. 5 motivos que tornaram a CazéTV o maior canal de esportes do YT no Brasil. **UOL**, 17/01/2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/allan-simon/2024/01/17/5-motivos-que-fizera-m-da-cazetv-o-maior-canal-de-esportes-do-yt-no-brasil.htm>. Acesso: 13 mar. 2025.

SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar**: o rádio esportivo em São Paulo. 1ª ed. São Paulo: Summus, 1994.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 24 jun. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VICENTE, Danilo. A Olimpíada da TV é sucesso em audiência. **Exame**, 08/08/2021. Disponível em: <https://exame.com/bussola/a-olimpiada-da-tv-e-sucesso-em-audiencia>. Acesso: 13 mar. 2025.